

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

LUCIANA SILVA TEIXEIRA

POR QUE EU NÃO ME VEJO AQUI?!

uma análise sobre as representações de toussaint louverture e os livros didáticos

Xinguara
2024

LUCIANA SILVA TEIXEIRA

POR QUE EU NÃO ME VEJO AQUI?!

uma análise sobre as representações de Toussaint Louverture e os livros didáticos

Dissertação apresentada ao programa de
Mestrado Profissional de Ensino de
História/ProfHistória-Unifesspa/Xinguara.
Como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em ensino de História.
Orientador: Prof. Dr. Heraldo Marcio Galvão
Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus de Xinguara

T266p Teixeira, Luciana Silva

Porque eu não me vejo aqui?! uma análise sobre as representações de toussaint louverture e os livros didáticos / Luciana Silva Teixeira. — 2024.

82 f. : il. color.

Orientador(a): Heraldo Márcio Galvão Júnior.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História, Xinguara, 2024.

1. História - Estudo e ensino. 2. Haiti - História - Independência, 1804. 3. Livros didáticos. 4. Revoluções - Aspectos históricos. I. Galvão Júnior, Heraldo Márcio, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 972.94

Elaborado por Maria José Pereira da Silva - CRB-2/1707

LUCIANA SILVA TEIXEIRA

POR QUE EU NÃO ME VEJO AQUI?!

uma análise sobre as representações de Toussaint Louverture e os livros didáticos

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional de Ensino de História/ProfHistória-Unifesspa/Xinguara. Como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em ensino de História.
Orientador: Prof. Dr. Heraldo Marcio Galvão Junior.

Data de aprovação: Xinguara (PA), ____ de Abril de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Heraldo Marcio Galvão Junior (UNIFESSPA/ Xinguara)
Orientador

Prof. Dr. Bruno Silva (UNIFESSPA/ Xinguara)
Examinador Interno

Prof.^a Dr.^a Maria Clara Sales Carneiro Sampaio (UNIFESSPA/ Marabá)
Examinador Interno

Luiz Carlos Bento (UFG)
Externo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu pai, que pelas suas mãos duras feito pedra me proporcionaram uma educação. Agradecer à minha mãe, pelo seu duro trabalho, fora e dentro de casa, para que não faltasse nada e eu pudesse estudar. Agradecer à minha irmã pela sua amizade e companheirismo. À minha esposa que tantas vezes teve que ser forte para ser o meu apoio emocional. À minha sobrinha que trouxe amor, alegria e união para dentro de casa. E ao meu querido orientador, que sem a empatia e o cuidado eu jamais teria concluído este trabalho. Muito obrigada a todos.

RESUMO

Esta dissertação abordará o tema “Revolução de Saint-Domingue”, com o objetivo de analisarmos as representações em torno desta sedição que os levou ao seu processo de independência. Além disso, debateremos alguns pontos que permeiam as representações e o mito de Toussaint, que fora um dos líderes destas revoluções. Exploraremos os possíveis impactos que esta Revolução no Brasil, particularmente, na Amazônia e tentar procurar pistas de que os ecos deste levante em uma das maiores revoltas populares do Brasil, a Cabanagem. E debateremos como os conteúdos a respeito deste tema são discutidos em sala de aula, mais especificamente a disciplina de História, e como o conteúdo dos livros didáticos “escolheram” suas imagens e conteúdo para descrever ou ilustrar o que foi esta revolução de Saint-Domingue.

Palavras-chave: ensino de história; independência do Haiti; livro didático; revolução.

ABSTRACT

This master's thesis will address the topic "Saint-Domingue Revolution," with the objective of analyzing the representations surrounding this sedition that led to their independence process. Furthermore, we will discuss some points that permeate the representations and the myth of Toussaint, who was one of the leaders of these revolutions. We will explore the possible impacts of this Revolution on Brazil, particularly in the Amazon, and attempt to find evidence that the echoes of this uprising influenced one of Brazil's largest popular revolts, the Cabanagem. Additionally, we will debate how the contents regarding this topic are discussed in the classroom, specifically in the History subject, and how the content of textbooks has "chosen" their images and content to describe or illustrate what the Saint-Domingue Revolution was.

Keywords: teaching of history; Haitian independence; textbook; revolution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Revolta na colônia de São Domingo. c. 1840. Gravura colorizada.....	50
Figura 2 - BRUNIAS, Agostino. <i>Dança dos nativos de São Domingo</i> . Século XVIII. Gravura.....	53
Figura 3 - Representação da independência do Haiti em 1804. c. 1830.	54
Figura 4 - Memorial dos povos da América latina.....	56
Figura 5 - Jean-François Pourvoyeur retratando uma revolta negra durante as lutas pela independência em São Domingos	57
Figura 6 - <i>François Dominique Toussaint L'Ouverture</i>	57
Figura 7 - Almirante John Benbow imagem de Saint-Domingue	61
Figura 8 - The Haitian Revolution	61
Figura 9 - Toussaint Louverture em uma representação clássica.....	62
Figura 10 - Jean-Jacques Dessalines	63
Figura 11 - Posse presidencial de Ivo Morales na Bolívia	66
Figura 12 - Mapa das colônias espanholas na América	67
Figura 13 - Jean-Jacques Dessalines	68
Figura 14 - Toussaint Louverture	69
Figura 15 - Imagem ilustrativa de material didático	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1.....	12
1.1 A Hidra	12
1.2 "Juramos destruir os brancos e tudo o que possuem; que morramos sem falhar nessa promessa!"	21
1.3 "Reconhecemos apenas duas classes de homens na parte francesa de Saint-Domingue: os homens livres sem qualquer distinção de cor e os escravos"	27
1.4 "Irmãos e amigos, eu sou Toussaint L'Ouverture. Meu nome talvez voz seja conhecido. Estou encarregado da vingança"	31
1.5 A vingança se concretizou	34
CAPÍTULO 2	37
2.1 O papel das disciplinas dentro do debate a respeito do conteúdo estudado nas escolas.	37
2.2 A importância da disciplina História para a propagação de ideias e conceitos.	41
2.3 O livro didático e a formação do conhecimento.	43
2.4 A independência do Haiti no livro didático: o que nos "falam" e o que nos "calam"....	45
2.5 Araribá	50
2.6 "História, Sociedade & Cidadania"	55
2.7 Telaris	59
2.8 Cadernos de Atividade 4: 8º ano Marabá	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
CAPÍTULO 3: Produto Didático.....	71
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou a ser pensada a partir da sala de aula, com a hipótese de que os alunos poderiam entender melhor as questões negras a partir da análise de imagens de pessoas negras, escravizadas ou não, em fotografias ou iconografias dos séculos XIX e XX. Porém, como não dominava os conceitos que circundavam essa ideia, comecei a pôr as ideias em ordem e o tema não me pareceu tão interessante (este foi o meu primeiro erro). À medida que as pesquisas bibliográficas e fontes a respeito do assunto avançavam, pude observar que a primeira hipótese de estudo possuía muitas nuances que ainda não haviam sido levadas em consideração e que não despertavam o interesse em pesquisá-las.

Ocorreu-me que seria interessante um projeto de pesquisa sobre uma das figuras mais icônicas dentro do cenário americano: Toussaint Louverture. Ele foi um dos líderes revolucionários que levou à independência de uma nação majoritariamente negra e escravizada, contudo, é dada pouca relevância a este dentro de alguns aspectos pedagógicos. E entender como as representações dessa personagem podem modificar os estereótipos de pessoas negras.

Entretanto, com o avançar das etapas do mestrado, novas preocupações surgiram com o tema escolhido, e dúvidas comuns começaram a circundar a pesquisa, como: “será que estou pesquisando um tema totalmente fora da minha realidade?”, “será que este tema terá relevância?”. Pois bem, sendo professora do ensino fundamental (6º ao 9º ano), ao decorrer das discussões do conteúdo com os alunos, algo chamou a atenção nos livros didáticos (mal conservados) de História que são disponibilizados na escola em que trabalho. Eles trazem representações de pessoas negras, mais especificamente, no conteúdo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 600) referente ao 8º ano do ensino fundamental, que nos trazem as seguintes habilidades a serem desenvolvidas pelo estudante (EF08HI05). Esta habilidade traz como objetivo “Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas”; e EF08HI08: “Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações”¹.

Ao utilizar o livro didático em sala de aula, senti falta de algo: a imagem do líder revolucionário Toussaint Louverture. Um leitor mais atento pode se perguntar: “Mas por que você sentiu falta logo deste ‘personagem’?” Porque este livro em questão traz diversas representações e imagens, principalmente daqueles ditos “vencedores” dentro da História, como Napoleão Bonaparte, Dom Pedro I e II, e de reis e rainhas ingleses, etc. Porém, a imagem

¹<https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Dокументo-Final.pdf>

de Toussaint, ou de qualquer outro líder revolucionário, foi suprimida e substituída por imagens alegóricas sobre o povo da ilha de Saint-Domingue e de como ocorreu a sua independência. Estas indagações fizeram ressurgir o desejo de pesquisar este tema. Contudo, não foi uma caminhada fácil.

As pesquisas começaram da seguinte forma no Google: “Revolução do/no Haiti”. Percorri o acervo do ProfHistória Nacional, Scielo, periódicos da CAPES, dissertações das mais diversas instituições, tendo ao final 30 dissertações PROFHIST, 12 artigos da CAPES, 11 PPHIST UFPA, 24 artigos da Scielo, isto apenas no meu primeiro levantamento de bibliografias, não necessariamente sobre o tema, mas são trabalhos que de alguma forma podem ajudar esta pesquisa a comprovar as hipóteses a serem pesquisadas.

Não recordo em que momento, mas ao começar as leituras das bibliografias, me veio a ideia de pesquisar na grande rede de computadores “Revolução de São Domingos” e “Independência do Haiti”. Ao tomar esta decisão, dezenas de novas fontes bibliográficas surgiram na minha frente, principalmente estrangeiras, em espanhol e francês (um dos meus grandes problemas nessa pesquisa é não possuir uma segunda língua fluente), pois a Revolução se deu na ilha de Saint-Domingue e não no Haiti, sendo que este nome só seria dado ao lado da ilha que pertencia à França após a independência conquistada por Jean-Jacques Dessalines, em 1804. Também iremos chegar a resultados diversos ao pesquisar com “Santo Domingo”, pois irá remeter à capital da República Dominicana, que é a porção da ilha que pertenceu à Espanha. Ou seja, dependendo da grafia da pesquisa, o conteúdo se modificará.

Você pode dizer: “Que pesquisa rica em descobertas”. Todavia, foi um pouco desesperador a quantidade de novas fontes bibliográficas que surgiram. Por um momento, pareceu que tudo que já havia lido e pesquisado não serviria e que teria que recomeçar. Mas os trabalhos não podem parar. A nomenclatura a ser utilizada no trabalho será Saint-Domingue, para diferenciá-la de sua porção espanhola, Santo Domingo, e levando em consideração que se trata de uma colônia francesa. Instituímos como objetivos desta pesquisa debater a importância das representações de Toussaint Louverture e da revolução de Saint-Domingue; compreender como as representações deste movimento e de pessoas negras ou a ausência delas, dentro de materiais didáticos.

Temos como objetivos específicos debater os impactos e as possíveis intencionalidades em torno das representações de Toussaint Louverture e a revolução do Haiti; fazer uma reflexão a respeito de como a escola, as disciplinas de História e os materiais didáticos podem influenciar na percepção do mundo do aluno; interpretar como este tema vem

sendo abordado nos livros didáticos, a partir da análise de quatro materiais didáticos utilizados na rede de ensino do município de Marabá.

Acredito que esta pesquisa se justifica e mostra a sua relevância quando traz para a discussão acadêmica problemáticas que são encontradas diariamente por professores em sala de aula. No caso, o nosso debate está em torno da invisibilidade de personalidades ou de populações negras em materiais didáticos, um assunto amplamente analisado. Mas, no caso desta pesquisa, nós vamos focar na análise da Revolução ocorrida na colônia francesa de Saint-Domingue, que culminou na Independência do Haiti, e como este tema é tratado nos materiais didáticos.

Não podemos deixar de citar a obra escrita por Cyril Lionel Robert James (que assinala suas obras como C.L.R. James) “Jacobinos Negros”, obra originalmente publicada em 1938, e a primeira tradução lançada no Brasil foi apenas em 2000. Contudo, é uma das principais referências para que ocorra a discussão a respeito da Revolução de Saint-Domingue e independência do Haiti. E esta obra mostrou ser uma grande ferramenta na construção do mito de Toussaint Louverture.

Estes debates historiográficos nos levam a concentrar nossa hipótese na ideia de que Toussaint Louverture e a revolução do Haiti foram marcantes nos finais do século XVIII e início do XIX, assim como a Revolução de Saint-Domingue. E que as editoras de livros didáticos, mesmo com todos os debates a respeito de representatividade, ainda dão pouca visibilidade a personagens negros que fogem à regra da escravidão.

Nesta pesquisa, tentei seguir algumas regras de Eco (1977, p. 6). Dentre elas estão: pesquisar algo do meu interesse; verificar se tenho fontes que estão ao meu alcance; garantir que minhas fontes são de fácil acesso; e se a minha metodologia garante que a pesquisa ocorra da melhor forma possível.

As fontes escolhidas para debater o tema das representações de Toussaint Louverture no material didático são três livros de ampla distribuição nacional: Araribá: Mais História do 8º ano, 1ª edição (2018), da editora Moderna; História, Sociedade e Cidadania da editora FTD 4ª edição (2018); e Teláris História: Ensino Fundamental - Anos Finais da editora Ática 1ª edição (2018), que constam no PNLD² 2021. Também utilizarei o material didático

² PNLD é a sigla para Programa Nacional do Livro e do Material Didático do Ministério da Educação do Brasil. Esse programa tem como objetivo principal de avaliar e distribuir livros didáticos, pedagógicos e literários às escolas públicas de todo o país. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País.

disponibilizado pela Prefeitura de Marabá, “4º Caderno de Estudos em Rede Ensino Fundamental - 8º ano”, no mês de agosto de 2021, para auxiliar docentes e discentes durante a vigência da pandemia de Covid-19.

Isto para buscar uma reflexão a respeito de como a escola e a disciplina de História, juntamente com os materiais didáticos, podem favorecer certas percepções do mundo do aluno. Isto porque, no ambiente escolar, apesar de possuir certa autonomia, também se transmite o conhecimento imposto pela sociedade. Com esta base, ao debatermos como a Independência do Haiti é representada nos livros didáticos, pode-se observar como estes temas podem contribuir para a quebra ou o reforço de paradigmas a respeito do conteúdo.

Este método de pesquisa esteve em constante processo de transformação, mas teve como objetivos norteadores os seguintes itens: entender como o processo revolucionário que ocorreu dentro de Saint-Domingue e o papel de alguns líderes, dando destaque a Toussaint Louverture; analisar as imagens deste líder e da Revolução e como são descritas as bibliografias a seu respeito, visto que o ato revolucionário dos escravizados foi, por muito tempo, marginalizado e tratado como mera consequência da Revolução Francesa; e tentar compreender qual o objetivo e significado dessas representações dentro de uma cultura escravocrata. Em segundo lugar, trabalhar com o livro didático e suas representações da Revolução. Para isso, vou utilizar três livros didáticos de circulação nacional, dois voltados para o ensino fundamental anos finais e um voltado para o ensino médio, além de um material didático disponibilizado pela prefeitura nos anos de 2020 e 2021. Analisarei como cada livro fez suas “escolhas” de representações deste fato histórico e como essas escolhas podem influenciar no momento da aula ou como o professor pode reforçar ou debater determinados estereótipos a respeito dos negros no século XIX. Para esta discussão, trarei Circe Bittencourt (1990), onde esta afirma que os livros didáticos, por vezes, acabam sendo limitados e obedecem a uma ordem ideológica, econômica e técnica. E, por fim, dentro da proposta didática, propor um material didático onde o professor possa levar a discussão a respeito das representações, apagamento e silenciamento para a sala de aula. Uma proposta didática que possa auxiliá-lo na elaboração de suas aulas a respeito deste tema.

Esta dissertação abordará as seguintes temáticas: no primeiro capítulo, uma breve abordagem a respeito do histórico da ilha de Saint-Domingue e o mundo ao seu redor. Buscaremos entender o contexto social e econômico em que a economia e sociedade se desenvolvem e quais foram os atores sociais e motivações que levaram a colônia mais próspera nas Américas a iniciar sua Revolução, em 1791, até a proclamação de sua independência, em

1804. Seus principais líderes e as possíveis consequências desta Revolução para todo o mundo.

O segundo capítulo trará a análise dos quatro materiais didáticos: Araribá, História, Sociedade e Cidadania, e Teláris, que são livros didáticos amplamente distribuídos, e um material produzido durante a pandemia de Covid-19 pela prefeitura de Marabá. Vamos inquirir esses materiais para debater como cada um deles trata o conteúdo “Revolução do Haiti” e seus líderes em suas páginas. Trazendo uma arguição a respeito de como cada um tentou abordar o tema, procurando semelhanças e diferenças, acertos e faltas.

E o terceiro capítulo trará um produto: uma proposta didática, a partir de tudo o que foi exposto nesta pesquisa, que será destinada aos professores. Abordaremos os conceitos novos e antigos a respeito de racismo, educação, igualdade de gênero e decolonialidade. Este material será pensado a partir das experiências adquiridas dentro do ambiente escolar e do convívio com discentes que, pela carga horária de trabalho, acabam deixando para depois alguns conteúdos a respeito do tema, que são de grande importância nos debates em sala de aula.

Hoje, pode-se dizer que sou historiadora. Não por diplomas ou algum título, mas porque pude experimentar todas as nuances de um trabalho de pesquisa: erros e acertos, raiva e paixão, fracasso e felicidade, tudo o que uma arguição pode proporcionar. Pude experimentar o prazer de pesquisar algo que, na sala de aula, terá relevância para os alunos e para mim. Independentemente de qualquer coisa, sou historiadora, professora e pesquisadora.

CAPÍTULO 1

1.1 A Hidra

O mundo atlântico passava por transformações econômicas, políticas e sociais. E com essas mudanças, o sentido de liberdade se modificou para todos. Linebaugh e Rediker, em seu clássico “Hydra de Muitas Cabeças”, nos mostram que a ideia de liberdade e igualdade incondicional não surgiu durante as Revoluções Americana e Francesa no final do século XVIII e início do XIX, mas percorreu todo o mundo atlântico desde o início da Revolução Inglesa em meados do século XVII. Os autores nos trazem a trajetória e experiência de Thomas Rainborough, homem do mar e advogado que pertencia a uma família de marítimos com experiências ultramarinas pelas Américas e África. Este advogou em favor dos soldados que reivindicavam seus soldos e pelo fim do recrutamento forçado em 1647 (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 116). Esta obra também nos mostra como os primeiros europeus eram “trazidos” para as terras do Novo Mundo:

“arrebatar” era por alguém sob custódia; ‘sequestrar’ era pegar uma criança dois; ‘surrupiar’ era raptar e levar uma pessoa para animar; ‘barbadear’ era raptar alguém

e embarcar para Barbados; e ‘em levar’ era iludir uma pessoa para forçá-lo a trabalhar” (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 121)³.

Um movimento que recebeu destaque dos autores são os Levellers (os nivelados ou iguais). Além de lutarem pelo fim do recrutamento compulsório para os exércitos ingleses, também teriam lutado contra a escravidão, onde não se tratava apenas da defesa de um discurso filosófico. Segundo os autores, era algo vivido pelos habitantes ingleses durante o século XVII, principalmente neste período, em que ser um trabalhador do Atlântico tinha muito mais a ver com a escravidão do que com a cor da pele (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 122).

Outro movimento de libertação citado pelos autores foi a revolta ocorrida em Nápoles conhecida como “Revolta de Masaniello”, onde há a defesa da ideia de que esta rebelião, que trouxe em sua composição uma diversidade de trabalhadores portuários, teria sido “influenciada” pelas experiências trazidas por trabalhadores marítimos dos motins que ocorreram em Londres. Ou seja, levantam a possibilidade de que outras lutas pelo fim da escravidão, pela melhoria das condições de vida e revoltas ocorridas em portos pelo mundo tenham sido inspiradas em outras insurreições ocorridas na Europa (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 125).

Estes autores, assim como muitos de seu continente, caem no eurocentrismo, onde a todo momento colocam países do Velho Continente como centro das transformações. Mas, se pararmos para analisar o que eles nos relatam, podemos cogitar que as ideias não partiram da Europa, mas sim, o movimento contrário: são ideias que chegam à Europa a partir das experiências que a população marítima europeia adquiriu nos portos do mundo Atlântico. Um exemplo disso está na descrição sobre a trajetória de Rainborough, na qual citam que ele havia acabado de chegar de uma viagem às Américas antes de se tornar um ativista da liberdade. Ou seja, esta informação pode trazer a dúvida se o conceito de liberdade não teria surgido a partir de suas viagens pelos mares e sido levado para a Europa. Ou, quando nos mostram a revolta de Masaniello, ela ocorre próximo ao porto de Nápoles, às margens do Mar Tirreno, onde as informações chegavam de toda parte, não apenas da Inglaterra.

Este período também é marcado pela ação de Oliver Cromwell e o Príncipe Rupert (sobrinho do rei decapitado Charles I e primo do futuro rei Charles II), ambos com destino à África Ocidental. Essas duas faces da classe dominante e velhos comerciantes iniciaram o

³ Os ingleses fundaram Barbados que até então, foi a primeira experiência bem sucedida nas colônias inglesas nas Américas (2022, pag. 30)

tráfico triangular de escravos. Os ingleses viriam a ser os maiores escravistas do continente africano no século XVII (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 139).

Contudo, antes dos ingleses se tornarem grandes comerciantes de escravizados negros pelo mundo, os irlandeses foram utilizados como mão de obra escravizada nas colônias inglesas, juntamente com escravos negros e nativos. Como outras populações que sofreram com a escravidão, estes também formaram alianças com a população que já estava sendo escravizada nesses territórios. Desta aliança surgiu a primeira designação para os escravizados que levou em consideração a etnicidade: “irlandês negro” na Jamaica (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 135).

Todavia, com o surgimento e desenvolvimento da doutrina suprematista branca inglesa, a escravidão de pessoas brancas teve fim na Contrarreforma Inglesa, a partir de petições e relatos de pessoas brancas de suas experiências como escravos, pois passou-se a acreditar que pessoas brancas não poderiam ser tratadas como pessoas negras; isso seria ultrajante e humilhante (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 146).

Foi um momento decisivo, como explica Hillary McD.Bekles. "O parlamento percebeu que os barbadianos, e outros Antilhanos, não precisavam mais do trabalho do Branco - a escravidão negra estava plenamente estabelecida e revela-se, assim, muito lucrativa ". (...) (2008, p. 146)

No último quarto do século XVII, com a monarquia inglesa restaurada, houve um aumento do tráfico negreiro. Ocorreu também a dispersão de regicidas e de seguidores de religiões calvinistas (Levellers, Ranters, Quakers) para as Américas, e seus ideais e experiências de luta atravessaram o Atlântico (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 225). No século XVIII, mais precisamente na segunda metade, a Grã-Bretanha emerge como uma potência mundial após sair vitoriosa da guerra dos “Sete Anos”. A nação ansiava por novos territórios na América e no Caribe para expandir seu império colonial. Todavia, novas ideias surgiram entre aqueles que viviam nos portos (escravos e marinheiros), iniciando uma era de rebeliões transatlânticas.

Surgiu a denominada “Horda Heterogênea”, que possui dois significados dentro deste contexto: o primeiro refere-se aos trabalhadores marítimos que executavam diversas funções nos portos e áreas urbanas; o segundo representa uma diversidade de pessoas no meio urbano que eram livres e poderiam exercer uma “liderança de baixo para cima”. O segundo possui um caráter político e o primeiro um caráter mais técnico. O comando das comunidades que abrigavam estas Hordas era dado aos próprios integrantes. Além disso, estas comunidades dos portos adentravam as ruas das cidades, com estivadores, carregadores e trabalhadores, escravos em busca de liberdade, jovens livres do campo e fugitivos de vários tipos.

Com o efervescer das ideias revolucionárias, a Horda Heterogênea apresentava-se como um perigo, especialmente se houvesse uma associação com a resistência de escravizados africanos e indígenas. Embora essa associação nunca tenha se materializado, o medo de que ocorresse transformou a Horda Heterogênea, ao final da Revolução Americana, em “refugiados, deslocados de guerra e prisioneiros, dando forma humana à derrota”. Esses renegados teriam levado suas experiências em sublevações para diversas partes do mundo. Um desses locais de refúgio foram as ilhas do Caribe, com uma população exorbitante e maltratada de escravizados que esperavam o momento certo para se rebelarem (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 227).

Essa denominação surge nos relatos de C.L.R. James, quando fala dos comandados de Jean François e Biassou, chamando-os de “corpos heterogêneos” para demonstrar a diversidade dos revoltosos na ilha de Saint-Domingue (JAMES, 1938, p. 99).

A narrativa defendida na obra mostra que, apesar do destaque dado às revoluções ocorridas na Inglaterra como difusoras de ideias revolucionárias, os autores também negam essa ideia quando essas revoltas tiveram como força motriz as elites. Eles nos trazem a importância das chamadas “hordas heterogêneas”, onde as camadas mais populares tomam o protagonismo desses acontecimentos e da difusão não só das ideias de liberdade, mas também do sentimento e da necessidade de ser livre.

Por fim, observa-se que muitos argumentos do livro utilizado como fonte nos trazem a ideia de que igualdade e liberdade não estavam diretamente ligadas ao ser escravizado. Os portos, que recebiam pessoas trazendo informações, conhecimentos e experiências de resistência de diversas partes do mundo, formavam suas portas de entrada.

Laurent Dubois, em seu livro “Os Vingadores do Novo Mundo”, afirma que a escravidão foi a principal força motriz para o crescimento do capitalismo mercantil das principais metrópoles econômicas do período e também da jovem nação localizada nas Américas: os Estados Unidos. O comércio de escravos gerava exorbitantes lucros. Contudo, próximo a este local de prosperidade econômica, surgiria o maior levante de escravizados das Américas, que se tornaria o único bem-sucedido. Em um espaço de tempo de menos de 15 anos, os rebeldes conseguiram a liberdade para todos nas colônias francesas. Segundo o autor, até mesmo Toussaint Louverture advertiu seus adversários que as tentativas de escravizar novamente aquele povo seriam em vão (DUBOIS, 2022, p. 14).

Em seu prólogo, James nos mostra brevemente, como se deu a colonização da ilha, que perpassa por Cristóvão Colombo ao chegar ao continente americano, sua primeira

denominação dada pelos europeus *Hispaniola*⁴ que substitui o nome que pela sua população local Haiti⁵, e as duras batalhas entre espanhóis, franceses e holandeses para ter o controle da ilha, culminando na assinatura do tratado de Ryswick⁶.

Assim como James, Dubois, em seu prólogo, também traz uma parte sucinta do primeiro contato de Cristóvão Colombo com os habitantes do Novo Mundo. Segundo ele, os nativos que encontraram Colombo foram os Tainos, que chamavam sua terra de Ayiti. Ao partir, Colombo deixou parte de sua tripulação, e ao retornar após um ano, encontrou pouquíssimos dos que havia deixado com vida. O chefe Taino contou-lhe que parte de sua tripulação foi morta por um ataque de uma tribo rival. Para o autor, “É mais provável que (não pela última vez) a paz inicial entre os europeus e os povos indígenas tivesse se transformado em violência” (DUBOIS, 2022, p. 26).

Rapidamente, outros assentamentos espanhóis surgiram na ilha. O primeiro povo a ser explorado pelos colonos foram os nativos. Utilizando o sistema de encomenda, que garantia o trabalho desses nas minas, esses trabalhadores não eram propriedade dos espanhóis, portanto, tecnicamente, não era escravidão. Porém, essa população foi submetida ao trabalho excessivo, acometida por doenças e castigos, revoltava-se, fugia e até mesmo cometia suicídio para tentar escapar das condições de maus-tratos. Segundo Dubois, estima-se que de uma população que pode ter chegado a 750 mil em 1492, restaram cerca de 29 mil no intervalo de 22 anos de ocupação (DUBOIS, 2022, p. 26).

O frade dominicano Bartolomeu de Las Casas defendeu a importação de escravos africanos para substituir os nativos na “preocupação de salvá-los”. Esses novos escravizados foram empregados em plantações e complementavam a mineração espanhola. Nas primeiras plantações estabelecidas em 1530, a cana-de-açúcar esteve entre os principais produtos de cultivo e, na metade do século XVI, a produção já chegava às toneladas (DUBOIS, 2022, p. 29).

James traz a mesma hipótese: com a escassez de mão de obra, o governo espanhol, que havia escravizado e dizimado a população nativa, tentou manter o que restava da população nativa como seus “fiéis”. Las Casas aconselhou o então rei espanhol a trazer pessoas negras para “trabalharem” em suas colônias. Assim, segundo James, deu-se início ao comércio de negros escravizados na América (JAMES, 1938, p. 21).

Após conquistarem o continente, com o fim dos impérios Asteca e Inca, a Hispaniola

⁴ Em homenagem ao país que financiaram Colombo.

⁵ Possui origem da caribe e significa “montanha”

⁶ Ver em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/laroche/haiti.htm> acessado em : 15/04/2024

foi deixada de lado pelos espanhóis e sua parte ocidental praticamente permaneceu abandonada. Neste período, apenas 15% da população da ilha era de escravos. A capital desta ilha ganhou o nome de Santo Domingo pelos espanhóis, e quando os franceses passaram a ocupar a ilha, simplesmente traduziram o nome para o francês: Saint-Domingue (DUBOIS, 2022, p. 29).

Segundo Dubois, os piratas exerceram um papel importante na ocupação da ilha, pois ocupavam territórios ainda não explorados e possuíam o apoio dos impérios europeus. Com o abandono das terras de Saint-Domingue, franceses e ingleses dividiam o mesmo espaço na ilha (DUBOIS, 2022, p. 30).

Por volta de 1653, os franceses fundaram outras duas importantes colônias caribenhas, Guadalupe e Martinica. Dubois menciona um grupo de nativos dos Caribes que conseguiu sobreviver até o início do século XVIII, jogando franceses e ingleses uns contra os outros, mas que foi se isolando cada vez mais, restando apenas pequenas comunidades (DUBOIS, 2022, p. 31). Destaca-se a relação de protagonismo dos nativos caribenhos, que não foram apenas vítimas do sistema colonial, mas tentaram se beneficiar de sua exploração.

Podemos destacar dois grupos da chamada “Horda Heterogênea” que foram importantes para a ocupação da ilha caribenha denominada Tortuga: os Flibusteiros e Bucaneiros. Em 1697, a monarquia francesa planejou um ataque a Cartagena, capital de Santo Domingo. Os grupos citados, juntamente com negros residentes da parte francesa, realizaram um ataque para pilhagem e captura da capital. Após esse cerco bem-sucedido, parte do que foi pilhado acabou sendo investido em terras e nas primeiras plantações estabelecidas no lado francês. Esta derrota contribuiu para que os espanhóis cedessem a parte ocidental de sua colônia à França com o acordo de Ryswick, em 1697 (DUBOIS, 2022, p. 31).

Com a crescente importação de escravizados para as colônias francesas, um código foi criado para tentar controlar essa crescente importação, o chamado Código Negro, idealizado durante o reinado de Luís XIV⁷. Segundo James, os senhores de escravos pouco o seguiam, e as punições e a escassez de alimentação continuaram frequentes dentro da colônia francesa (JAMES, 1938, p. 21). Todavia, mesmo com essa tentativa de resguardar o “produto” escravo, a crueldade no trajeto atlântico até a chegada à América continuou. Para James:

(...) Entretanto, os escravos em São Domingos não podiam repor o próprio número pela reprodução. Após aquela terrível viagem pelo oceano, era comum que as mulheres ficassem estéreis durante dois anos. A vida em São Domingos matava-as com rapidez. Os colonialistas deliberadamente faziam-nas trabalhar até a morte, sem esperar as crianças crescerem. Mas os apologistas profissionais eram auxiliados pelos

⁷ O Código Preto definiu as condições de escravidão no império colonial francês. Ele restringiu as atividades dos pretos livres, proibiu o exercício de qualquer outra religião que não o Catolicismo Romano e proibiu a presença de judeus em colônias da França.

escritos de uns poucos observadores da época que descreviam cenas de beleza idílica. (JAMES, 1938, p. 28)

Na questão econômica, James nos relata que, em 1798, os portos de Saint-Domingue recebiam mais navios do que Marselha (um dos maiores portos da França). Das 17 milhões de exportações que a França realizava, 11 milhões pertenciam ao comércio de Saint-Domingue. Em comparação com o comércio da Inglaterra, o comércio da Pérola das Antilhas era o dobro. A Inglaterra, ao perceber que estava ajudando no crescimento econômico da colônia francesa por meio do contrabando de pessoas negras escravizadas, resolveu dar um contragolpe em seu grande rival econômico. Exaltando o discurso de igualdade entre os homens, os ingleses criaram uma sociedade abolicionista com o objetivo de quebrar o mercado francês. Porém, não contavam que, junto com o pensamento abolicionista, a França estaria atravessando o início de sua Revolução, onde também se criaria uma sociedade que visava o fim da escravidão nas colônias. Todavia, segundo James:

"(...) Foi a Revolução Francesa que, com rapidez e inesperada, arrastou esses franceses eloquentes para fora da sua estimulante empolgação de propaganda filantrópica e os colocou face a face com a realidade econômica" (JAMES, 1938, p. 64)

O autor prossegue dizendo que a burguesia francesa, que fez sua fortuna a partir do exclusivo colonial e da exploração das colônias francesas, principalmente Saint-Domingue, eram os mesmos que estavam realizando uma Revolução na França. Agora, eles "desejavam" a liberdade para os negros escravizados (JAMES, 1938, p. 60). Saint-Domingue pré-revolucionária, se mostrava “eterna” e deslumbrante, e sua produção havia dobrado, segundo James:

Entre 1783 e 1789, a produção praticamente dobrou. Entre 1764 e 1771, a média de importação de escravos variava entre dez e quinze mil. Em 1786 era de 27 mil e, de 1787 em diante, a colônia passaria adquirir mais de quarenta mil escravos por ano. (JAMES, 1938, p. 65)

Isto nos leva a crer que, talvez, não houvesse uma preocupação com revoltas em uma população de aproximadamente 500 mil habitantes, em que mais de dois terços eram nativos da África. Contudo, o crescimento econômico não significava prosperidade social, pois a crescente demanda por mão de obra escravizada também significava a vinda de mais indivíduos prontos para uma revolta. E, assim como chegavam aos “montes”, morriam aos “montes” (JAMES, 1938, p. 65). De acordo com inventários sobre o assunto, apenas no século XVIII, 650 mil pessoas foram trazidas do continente africano para serem escravizadas em Saint-Domingue, cerca de 100 mil morreram durante a travessia do Atlântico, sem contar as que não possuem registro. Estima-se que, ao todo, 850 mil a 1 milhão de pessoas foram trazidas para a

colônia francesa. A escravidão em Saint-Domingue pode ter representado cerca de 10% do total do tráfico de escravos de todo o continente americano, que se calcula tenha sido entre 8 e 11 milhões de pessoas (DUBOIS, 2022, p. 55).

Cerca de 50% dos escravizados recém-chegados à colônia morriam dentro de poucos anos. A mortalidade infantil era altíssima nas plantations, podendo alcançar quase 50%. Já a taxa de natalidade ficava em torno de 3%. As preocupações humanitárias com os escravos eram poucas, a ponto de ser mais lucrativo explorar de forma devastadora o escravizado até a sua morte, visando o maior lucro que pudesse proporcionar, para que fosse substituído por outro (DUBOIS, 2022, p. 56).

Os Congos, segundo Dubois, chegaram a representar cerca da metade dos escravizados nas plantations de café do norte e do oeste da ilha, e a sua língua natal foi tão falada quanto o crioulo e o francês dentro da ilha. Dentre os Congos, podemos destacar Macaya e Sans-Souci, que foram líderes de grupos insurgentes que viriam a se tornar um exército revolucionário (DUBOIS, 2022, p. 58).

Com relação à população crioula, muitos foram educados em Paris entre 1756 e 1763, e isto não agradou aos latifundiários. As leis que regiam Saint-Domingue se tornaram mais rigorosas para esta parte da população. Dentre as proibições que lhes afigiram estava a de não poderem ir à França, local onde adquiriram educação.

A obra de James, por ter sido lançada na década de 1930, traz algumas problemáticas que merecem destaque. Por exemplo, quando ele nos fala que a ilha não possuía uma atividade intelectual e que a devassidão era a forma de reunir pessoas, podemos concluir que aqui há uma visão animalizada da vida na colônia francesa, já que a maioria dos habitantes era negra e a vida sexual era considerada permissiva e comum. Há também a hiperssexualização/objetificação da mulher negra como instrumento sexual. Quando o mesmo autor nos fala que a mesma negra que passava a noite com o seu senhor era a mesma que levaria chibatadas no dia seguinte, ele a retrata como um mero instrumento sexual (JAMES, 1938, p. 44).

As mulheres não possuíam autonomia para recusar homens que as possuíam legalmente, eram exploradas de forma sexual e sofriam agressões. Em algumas ocasiões, relacionamentos podiam acontecer entre senhor e escrava. Este tipo de relação podia trazer alguma compensação para a escravizada. Este tipo de relação mostra-se complexa ao se analisar, e dificilmente saberemos se tratava de relações por interesse ou por emoções (DUBOIS, 2022, p. 64).

Dubois nos traz uma visão mais atualizada sobre o assunto. Para ele, tratava-se de um mecanismo do patriarcado para manipular a visão sobre a mulher negra, algumas vezes descrevendo-a como Vênus que podia “tirar” tudo de um branco. Entretanto, o racismo estava entrelaçado com o sexo, e as leis racistas fizeram com que as formas de se relacionar também mudassem. Segundo este mesmo autor, vários homens brancos viviam em regime de concubinato. Muitos fizeram de mulheres negras suas funcionárias de confiança e, ao morrer, alforriavam-nas e aos filhos que tivessem juntos. Mas estas relações não deixavam de ser uma relação em que um dominava e o outro era dominado (DUBOIS, 2022, p. 90).

Ora vistas como responsáveis pela produção, ora vistas como responsáveis pela reprodução, as mulheres escravizadas enfrentavam inúmeros desafios. A maior parte trabalhava no campo, sem a possibilidade de exercer um cargo de confiança. Uma pequena parcela tornava-se responsável pelo serviço doméstico e corria o perigo de violências e abusos por parte de seus senhores. Como forma de resistência, os abortos tornaram-se práticas comuns; contudo, havia punição para as que realizavam essa prática, visto que o aborto era considerado uma forma de privar o senhor de sua propriedade sobre o indivíduo que deixou de nascer (DUBOIS, 2022, p. 63).

A outra parte da população, os latifundiários, com o aumento dos lucros deixava suas propriedades sob a responsabilidade de administradores, sendo chamados de proprietários absentistas e ligados à aristocracia pelo matrimônio. A prosperidade da ilha era tanta que até mesmo os escravizados foram afetados. Esta condição próspera culminou em mais escravos que podiam guardar dinheiro e comprar a sua liberdade. Em 1789, Saint-Domingue era “a mais lucrativa colônia que o mundo jamais conheceu”, e suas contradições a levariam à ruína (JAMES, 1938, p. 66).

Os brancos, segundo James, buscavam justificar sua crueldade atribuindo características pérfidas à população negra, como ladrões, traiçoeiros e preguiçosos, e esses mesmos senhores contribuíam para que os escravizados permanecessem no mesmo lugar, como “animais”. Por isso, tanto as práticas religiosas cristãs quanto qualquer instrução se mantinham longe da maioria da população negra da ilha (JAMES, 1938, p. 31).

Podemos citar as formas mais cruéis de tortura contra os escravos, mas este não é o nosso foco. Vamos nos ater às formas de resistências que foram desenvolvidas pela população negra escravizada em Saint-Domingue.

Nesta primeira parte, buscamos entender um pouco como se constituiu o comércio no Oceano Atlântico e as dinâmicas sociais, políticas e econômicas transatlânticas, principalmente

voltadas para as colônias francesas. Com relação a este conteúdo, nos livros didáticos não é muito comum termos essa introdução nos conteúdos destinados à sala de aula.

No máximo, quando falamos das dinâmicas econômicas que ocorriam neste contexto, apenas deixamos claro a grande prosperidade econômica que existia na Ilha de Saint-Domingue. Dentre as experiências que possuo como professora, quando falamos para além dessas dinâmicas econômicas, geralmente a questão social da escravidão é a mais abordada. Sendo assim, tentamos repassar ao aluno o contexto social que levou à prosperidade econômica da Ilha em detrimento da qualidade de vida da população trazida para ser escravizada nas Américas.

Para isso, ressaltamos que as condições de vida dos escravizados foram fatores fundamentais para que ocorressem sedições por toda a América colonial. A divisão populacional, como veremos, é pouco citada nas fontes que serão analisadas, contudo, não é aprofundado o debate em torno dela. Como a população negra era tratada, como os mestiços eram vistos na sociedade, quais os seus direitos e quais direitos lhes eram negados. Desta forma, tentamos fazer uma pequena abordagem sobre este conteúdo neste primeiro momento.

1.2 "Juramos destruir os brancos e tudo o que possuem; que morramos sem falhar nessa promessa!"

O título faz parte de uma pequena canção, citada em alguns relatos dos colonialistas da época, como sendo uma das preferidas dos escravizados durante seus rituais Vodu. Por este fato, não é difícil supor que há um exagero, visto que a historiografia durante e pós-Revolução tende a descrever os negros como assassinos de brancos (JAMES, 1938, p. 32).

Segundo Michael-Roulph Trouillot, as manifestações de resistência não eram reconhecidas como atos de resistência política, mas como atos isolados causados por terceiros ou até mesmo como uma patologia do escravo, e não como uma forma de resistir (SILVA, 2016, p. 141).

Muitos desses relatos de colonialistas mencionam o suposto envenenamento dos senhores e suas famílias. Tanto James quanto Dubois citam essa prática, que contava com a ajuda de negros que trabalhavam no serviço doméstico e eram mais próximos dos senhores, possuindo uma certa confiança deles. Vale lembrar que a divisão entre trabalhadores do campo e servidores domésticos também foi uma tática criada para dificultar a aproximação entre essas duas categorias.

Uma pequena parcela que gozava de certos privilégios era chamada de escravos domésticos. Segundo James, historiadores anteriores a ele acabavam por representar a vida desses empregados dentro de uma estrutura patriarcal, onde havia um apego dos escravizados ao seu senhor. Alguns desses escravos domésticos vestiam-se com roupas de seda bordadas e, "ajeitados pelos seus senhores, davam bailes nos quais, como macacos amestrados, dançavam minuetos e quadrilhas e faziam mesuras e reverências ao modo de Versalhes". Eles desprezavam os outros trabalhadores escravos do campo (JAMES, 1938, p. 33). Ou seja, davam-se mais "privilégios" aos "de casa", enquanto aos outros eram destinados o serviço e os castigos mais severos. Esta manobra de dividir os escravos em domésticos e do campo vem do início do século XVII, com as experiências britânicas com rebeliões e fugas nas suas colônias nas Américas.

Segundo Linebaugh e Rediker, os donos de plantations organizaram uma divisão de trabalho legal que distinguisse socialmente os escravizados, criando uma pequena "elite de trabalho" com cargos de confiança, como membros de milícias e capatazes. Segundo os autores, essa forma de dividir os escravizados levou a um aumento na produção de açúcar em Barbados após a Revolução Inglesa (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 139).

Podemos nos perguntar o que teria levado os escravizados domésticos a se reaproximarem dos do campo. Acreditamos que tenha sido as práticas religiosas que aconteciam na floresta. Relatos do início da insurreição dos escravizados em Saint-Domingue falam de uma reunião religiosa que consagrou o início da revolta, mostrando a importância dessa prática para a união e organização da população.

Importante salientar como os fazendeiros não conseguiam acreditar que esses escravizados conseguiram se organizar para realizar uma insurreição. Devemos relacionar isso com o livro de Michael-Roulph Trouillot, que nos mostra que era algo impensável (ou pelo menos queriam acreditar que era) para um escravo pensar em liberdade, já que se acreditava que eles não possuíam tal capacidade. Trouillot trabalha com a ideia de que os escravizados não tinham a capacidade de idealizar a liberdade para si. Essa ideia, é claro, não era baseada em conceitos práticos, mas era amplamente divulgada como conhecimento. Esse pensamento era largamente compartilhado entre os brancos da Europa e das Américas. A Revolução ocorrida em Saint-Domingue está na História por apresentar um ideal que era incompreensível, até mesmo enquanto a Revolução acontecia (SILVA, 2016, p. 125).

Havia diversas maneiras de resistência; a escravidão nunca foi aceita com naturalidade por nenhum dos lados. Sempre foi mantida pela violência e resistida com violência. Todavia,

meios legais também foram utilizados em favor dos ex-escravizados. Dubois nos traz o relato de um grupo de escravos que denunciou seu senhor por maus-tratos:

(...) fazendeiro chamado Nicolas Le Jeune torturou duas escravas que suspeitava terem usado veneno contra seus escravos. Ele queimou as pernas delas, trancou-as numa cela e ameaçou matar qualquer escravo que tentasse denunciar. Todavia, um grupo de 14 escravos apresentou uma queixa no tribunal local. Os juízes brancos que foram até a fazenda para investigar o caso encontraram as duas mulheres acorrentadas, suas pernas queimadas estavam em decomposição e uma delas estava sendo estrangulada por um colar de metal em seu pescoço. Ambas morreram logo depois. Os juízes também descobriram uma pequena caixa, que Le Jeune afirmava conter veneno, na verdade continha "nada mais do que tabaco comum, misturado com cinco pedacinhos de fezes de rato ". Le Jeune foi levado a julgamento com base nas denúncias dos escravos. Ele se defendeu argumentando que se os escravos vissem os fazendeiros serem punidos como base no testemunho dos próprios escravos, haveria um colapso de autoridade e, em última instância, uma Revolução escrava. Outros concordaram e um homem até sugeriu que cada um dos escravos que havia denunciado Le Jeune deveria receber 50 chicotadas. Por outro lado, os oficiais de investigação que assumiram o caso argumentaram que punir os fazendeiros brutais era a única maneira de impedir a eclosão de uma Revolução: se a violência dos fazendeiros não fosse controlada, eles não teriam outra opção além da vingança violenta. Por fim, os funcionários se curvaram a pressão dos fazendeiros e legiões nunca foi punido (DUBOIS, 2022. p. 74).

Apesar de atribuírem o baixo intelecto às pessoas negras, foram eliminadas quaisquer maneiras de aprendizado que não fossem voltadas ao campo do trabalho para os negros. Por trás dessa ação, escondia-se o medo da adaptação e da inteligência dos escravizados. Outros elementos mostraram-se importantes para essa adaptação; a religiosidade trazida do continente africano tornou-se uma ferramenta de união, aprendizado e conspiração para os negros de Saint-Domingue (JAMES, 1938, p. 32).

A sabedoria a respeito das ervas, tanto as mortais quanto as medicinais, vinha das florestas e daqueles que a dominavam. Dentro desse contexto, dois líderes se destacam na utilização da religião como elemento fundamental para a revolta: Mackandal e Boukman. Os quilombos, arrisco a afirmar, foram uma das primeiras formas de resistência de grupos escravizados na América. Segundo James, as florestas e montanhas formaram um reduto para os escravizados que se refugiavam das *plantations*. As fugas sempre foram uma constante, e Mackandal teria sido um dos grandes líderes quilombolas. Mackandal foi um líder religioso refugiado nas montanhas de Saint-Domingue, que elaborou um dos ataques por envenenamento mais fatais que ocorreram na colônia francesa.

Por conta de seus conhecimentos sobre ervas, Mackandal foi capaz de repassar seu conhecimento aos seus aliados, nesse caso, às mulheres negras encarregadas da preparação dos alimentos. Ele coordenou um envenenamento em massa de fazendeiros na década de 1750.

Após esse ataque, Mackandal foi capturado, morto e decapitado, tendo sua cabeça exposta para servir de lição.

Mackandal, que veio da Guiné, era um escravizado no distrito de Limbé (que mais tarde se tornaria um dos grandes centros da Revolução). Possuía eloquência e era destemido, mesmo não tendo uma das mãos, fato atribuído a um acidente em um moinho de açúcar. Seu grupo percorria as fazendas com o intuito de converter escravos ao plano de assassinar os fazendeiros (JAMES, 1938, p. 35).

Boukman levava consigo o Corão, o que sugere que era muçulmano. Boukman era filho de uma mulher revolucionária da Jamaica e foi vendido a Saint-Domingue como punição. Para James, ele foi um dos primeiros grandes líderes negros, que procurou atacar *plantations* e cidades. Foi um dos líderes das revoltas de 1791 e responsável pela cerimônia religiosa do Bois-Caïman. Outra figura importante foi Cecile Fatiman, que teria sido uma sacerdotisa Mambo e supostamente companheira de Boukman. Ela teria buscado apoio nas fazendas e convocado os escravizados para a cerimônia na floresta, que foi de extrema importância para a organização da revolta. Para Dubois, essa cerimônia destaca a importância da religiosidade na insurreição dos escravos. Ela fortaleceu os insurgentes e ajudou na consolidação de algumas lideranças. Há relatos de soldados franceses que ouviram músicas africanas durante o avanço dos escravizados, como se fossem encantamentos (DUBOIS, 2022, p. 128).

No entanto, não se sabe ao certo quando essa cerimônia ocorreu, se uma semana antes do início das revoltas ou se uma semana depois. Um detalhe importante sobre a reunião dos líderes da revolta é que ela teria ocorrido em uma igreja, com autorização dos senhores.

A religião tornou-se parte da História revolucionária, onde alguns participantes acreditam que essa celebração foi o momento fundador de sua religião, um contrato entre todos os participantes da revolta: negros escravizados, crioulos e africanos. Assim, para Dubois, “(...) Bois-Caïman continua a ser um símbolo da conquista de Saint-Domingue (...)” (DUBOIS, 2022, p. 129).

É importante salientar a participação feminina nas lutas de resistência e também o seu apagamento dentro dessa Revolução. Apesar de não sabermos o nome da mulher que teria criado Boukman ou quem foi exatamente Cecile Fatiman, é crucial deslocar a mulher do local de passividade e colocá-la no centro do conflito como uma personagem central. Para entender o lugar dado à mulher na História, podemos citar Spivak, que nos fala que o sujeito subalterno nasce de um discurso dominante (SPIVAK, 2010, p. 20). Para ela, discutir certas narrativas ou apagamentos dentro dessas narrativas não se trata de tentar contar a História como ela realmente

foi, mas sim de trazer outras problemáticas e debater o porquê das narrativas serem elaboradas de certa maneira (SPIVAK, 2010, p. 48).

Spivak (2010, p. 94). afirma que, dificilmente, encontraremos relatos femininos conscientes ou testemunhos delas. Ela afirma que a episteme ocupa um papel como forma de programação do conhecimento (SPIVAK, 2010, p. 54) e que o conhecimento e episteme são meios para caracterizar o que é reconhecido como científico ou não (SPIVAK, 2010, p. 96).

Os fatos mostram que, em meados de agosto de 1791, uma reunião com aproximadamente 200 escravos, que eram comuns no período, onde delegados representavam *plantations* e se reuniam regularmente com autorização dos senhores, teria sido usada para elaborar os termos finais de um levante em massa. Muitos desses escravos eram capazes e, por isso, possuíam alguns privilégios. Dubois destaca que esses escravos, na sua maioria capatazes, seriam os únicos capazes de controlar uma legião de escravos em caso de uma insurreição (DUBOIS, 2022, p. 122).

Em agosto de 1791, a insurreição começou em duas das principais províncias ao norte de Saint-Domingue (DUBOIS, 2022, p. 119). Logo, outros bandos de escravizados que haviam abandonado as *plantations* juntaram-se à insurreição sob o comando de Boukman. Um exército de quase 2 mil escravos começou a atacar *plantations*, matando brancos e queimando suas casas (DUBOIS, 2022, p. 120).

Apenas no dia seguinte, com a chegada dos primeiros refugiados dos ataques, as autoridades decretaram que os navios não deixassem os portos, a fim de assegurar proteção e garantir um local para onde fugir caso a cidade fosse atacada (DUBOIS, 2022, p. 121).

No início da sedição dos escravos em Saint-Domingue, é importante destacar como os fazendeiros não acreditavam que esses escravizados conseguiriam se organizar para realizar tal feito. Devemos relacionar isso com o livro de Michael-Roulph Trouillot, que nos mostra que era algo impensável (ou pelo menos queriam acreditar que era) para um escravo pensar em liberdade, como se não tivessem a capacidade para isso (DUBOIS, 2022, p. 122). Assim, os senhores de plantation atribuíram as revoltas à propagação de ideias revolucionárias na ilha.

Informações chegavam pelos portos e, num primeiro momento, os fazendeiros atribuíram a sedição às notícias que revolucionários franceses haviam levado para a ilha. Dubois afirma que os revoltosos possuíam suas próprias ideologias. Os escravizados foram a força por trás da Revolução.

Os revolucionários tinham ideias variadas enquanto lutavam para encontrar seu lugar no mundo que estavam construindo. Essas vozes, muitas vezes suprimidas dos relatos oficiais

sobre a insurreição, ainda nos ajudam a compreender o início do novo jogo político durante a Revolução (DUBOIS, 2022, p. 132). E, mesmo que no início a autoridade do rei prevalecesse entre os insurgentes, conforme o jogo político foi sendo moldado, seus direitos de homens, declarados pela Assembleia Nacional, seriam evocados.

É importante que o aluno tenha em mente as formas de rebeldia e resistência que existiam no período estudado, não só como reações, mas também como ações em busca de uma condição melhor de vida ou de liberdade.

A religiosidade da população negra, quando abordada em sala de aula, é vista apenas como uma forma de sincretismo ou resistência na adaptação do escravizado, e como ocorria a repressão em torno da religião. Nos livros didáticos analisados, percebemos que nenhum deles trata a religiosidade como um fator predominante para a Revolução de Saint-Domingue. Contudo, uma das fontes analisadas traz uma imagem que remete a uma celebração, possivelmente religiosa. Celebrações religiosas, como vimos, foram utilizadas como elemento agregador e de organização para esses povos. Apenas a última das fontes traz a religião de matriz afro-brasileira como forma de resistência.

Assim como a religião foi um elemento importante para a revolta, os líderes religiosos foram os primeiros líderes revolucionários. A maioria das vezes, quando se fala em Revolução de Saint-Domingue, o principal líder em destaque é Toussaint Louverture, e às vezes se menciona Jean-Jacques Dessalines; contudo, existiram outras lideranças, também religiosas, que foram essenciais para que os escravizados acreditassesem que poderiam lutar.

Os materiais didáticos que vamos analisar focam em apenas um dos líderes. No entanto, é interessante que o professor mostre a diversidade desses líderes, incluindo líderes escravos, livres, libertos e líderes mulatos que tiveram educação na França, para debater a diversidade de ideias e objetivos de cada um deles.

Outra questão a ser discutida é a falta de inclusão feminina nos debates sobre as revoluções na América. Poucos personagens femininos são citados dentro desse contexto revolucionário de independência. Citamos algumas mulheres que tiveram importância na Revolução, mas que não foram exploradas como pesquisa e sobre as quais pouco se pesquisa, revelando mais uma vez o apagamento feminino na História. É papel do professor, especialmente o professor de História, trazer esses questionamentos para a sala de aula, a fim de criar novos pensamentos e questionamentos sobre o assunto.

1.3 “Reconhecemos apenas duas classes de homens na parte francesa de Saint-Domingue: os homens livres sem qualquer distinção de cor e os escravos”

Iniciamos este título com as palavras proferidas a Sonthonax durante o seu jantar de recepção, oferecido a ele e a Polverel. Essas palavras estão registradas tanto em Dubois (2022) quanto no livro de James (1938). Léger Félicité Sonthonax e Étienne Polverel chegaram a Saint-Domingue em 17 de setembro de 1792. É crucial compreender o contexto político e social que encontraram em seu destino, onde não havia apenas escravizados ou súditos do rei, mas sim insurgentes de diversas origens.

Os comissários Sonthonax e Polverel vinham de famílias aristocráticas, embora não fossem ricas, ambos eram advogados e tiveram como mentor Jacques Brissot, um dos líderes dos Brissotinos. Brissot e seus aliados, ao assumirem o controle das questões coloniais, conseguiram aprovar o decreto de 4 de abril de 1792, que concedia direitos políticos a pessoas de cor livre. Brissot recorreu a Sonthonax e Polverel para implementar essa lei nas colônias. Desde a sua partida até a chegada a Saint-Domingue, os novos comissários não foram bem recebidos pelos fazendeiros (DUBOIS, 2022, p. 180).

Os comissários esperavam encontrar apoio entre os brancos pobres e tentar apaziguar o conflito entre pessoas de cor livres e os fazendeiros, mas as questões raciais continuavam a ser o principal ponto de conflito na colônia (DUBOIS, 2022, p. 181).

A partir de 10 de agosto, a situação em Saint-Domingue mudou novamente. Com a deposição do rei pela Assembleia Nacional e o advento dos comitês nacionais, Sonthonax e Polverel receberam amplos poderes para combater aqueles que se opusessem à nova política republicana. Seus inimigos foram deportados para a França, todas as assembleias existentes na ilha foram extintas e substituídas por novas, que seriam eleitas por homens brancos e homens de cor livres (DUBOIS, 2022, p. 183). James relata que os brancos pobres ficaram descontentes ao ver pessoas de cor ricas recebendo a atenção dos comissários (JAMES, 1938, p. 123).

Os insurgentes permaneciam nas proximidades de Le Cap, e, mesmo com a aprovação do decreto que concedia direitos políticos a pessoas de cor livre para atraí-los para o lado da república, pouco progresso foi observado (DUBOIS, 2022, p. 183).

Dubois destaca um fato importante: os insurgentes possuíam uma rede de comunicação que abrangia toda a colônia e ultrapassava suas fronteiras. Um general que se retirou às pressas de um acampamento deixou cartas recebidas de outras partes da ilha e de correspondentes na Filadélfia. Essas comunicações entre as comunidades escravas na América estavam repletas de notícias sobre a revolta de Saint-Domingue (DUBOIS, 2022, p. 186).

Diferentemente de James, que atribui a situação de abandono de Saint-Domingue após o início das revoltas à falta de interesse do governo girondino na França, Dubois apresenta uma visão diferente. No início de 1793, a França estava cercada por um cenário de guerra. Após a execução de Luís XVI, Grã-Bretanha, Espanha e Áustria declararam guerra à França, levando o país a um recrutamento massivo de soldados. Essa guerra se estendeu pelo Atlântico e afetou os rumos de Saint-Domingue.

A chegada do novo governador François-Thomas Galbaud Du Fort marcou um ponto crucial para as decisões e rumos de Sonthonax e Polverel. Galbaud foi enviado para governar a colônia francesa e foi recebido com festa pelos brancos, que acreditavam que ele restauraria a ordem “natural” da ilha, uma vez que Galbaud também era proprietário de terras e escravizados. Galbaud, pertencente aos realistas, trazia consigo o germem da contrarrevolução. Imediatamente, os comissários planejaram impedir a instalação do novo governo em Saint-Domingue.

Temendo que Galbaud espalhasse conflitos, Sonthonax e Polverel ordenaram sua captura e prisão em um navio. No entanto, em cativeiro, Galbaud conseguiu atrair o apoio de partidários, incluindo muitos marinheiros que se opunham aos comissários. Galbaud e seus aliados planejaram um ataque à cidade de Le Cap para destituir os comissários. Milhares de pessoas organizadas por Galbaud dominaram a cidade e quase capturaram Sonthonax e Polverel. As prisões da cidade foram abertas e os prisioneiros capturados em batalhas contra os insurgentes foram libertados.

Neste contexto, analisamos um ponto descrito por James e Dubois. James relata que foram os marinheiros de Galbaud os responsáveis pelos saques a Le Cap, enquanto Dubois indica que os apoiadores de Galbaud acusaram os “criminosos negros” de invadirem a cidade (DUBOIS, 2022, p. 197).

Para conter as forças realistas, Sonthonax e Polverel tomaram uma decisão crucial: declararam que todo “guerreiro negro” que pegasse em armas pela república teria liberdade “igual a todos os homens livres” e “todos os direitos pertencentes aos cidadãos franceses” (DUBOIS, 2022, p. 197). Seus oficiais foram encarregados de transmitir essa mensagem a todos interessados. Atendendo a essa oferta ou promessa de liberdade (ou até mesmo saque), os insurgentes ao redor de Le Cap invadiram a cidade em chamas, substituindo os símbolos da realeza pela Bandeira tricolor republicana. Uma nova aliança surgiu: ex-escravos, negros livres e brancos, todos unidos em lealdade à república (DUBOIS, 2022, p. 198).

Os marinheiros de Galbaud e os brancos foram expulsos para navios, e Galbaud, segundo James, “teve que se jogar ao mar para alcançar o navio” (JAMES, 1938, p. 127).

James atribui a falta de direção colonial à indiferença dos girondinos no poder na França, destacando como o governo girondino foi prejudicial à república, com suas artimanhas para beneficiar a si mesmo e aos seus pares na alta burguesia (JAMES, 1938, p. 136). No entanto, ao analisar o livro de James, é importante considerar o contexto de sua época. James, um precursor do Pan-africanismo e escritor marxista, faz referências a classes sociais, critica a direita e exalta a esquerda, como a figura de Robespierre e o governo jacobino, comparando-o à Rússia sob Lenin e Trotsky em termos de confiança e transparência com o povo (JAMES, 1938, p. 137).

Dubois apresenta uma visão diferente. Após a execução de Luís XVI, Grã-Bretanha, Espanha e Áustria declararam guerra contra a França, e duas dessas potências eram rivais na dominação das Índias Ocidentais. A Inglaterra contou com o apoio dos fazendeiros brancos (prometendo restaurar o *ancien régime*) e uma parte das pessoas de cor, enquanto os espanhóis ofereceram armas, suprimentos e munição aos insurgentes, tratando-os como iguais e pedindo-lhes que atirassem contra os brancos. A liberdade também foi prometida a quem se juntasse às forças militares, estratégia que inicialmente foi bem-sucedida. Já os brancos e fazendeiros que buscavam apoio receberam-no dos ingleses (DUBOIS, 2022, p. 191).

Dado o alto custo para manter tropas no Atlântico, as potências europeias passaram a se focar na população “sem direção” neste momento. Todas sabiam que a dominação de Saint-Domingue passava pela aliança com os escravos insurgentes. Os ingleses, observando a fragilidade das tropas francesas na proteção de suas colônias, concluíram que era o momento ideal para tomá-las, contando com o apoio de brancos e mulatos insatisfeitos com o decreto de abolição da escravidão e desejosos de retornar ao *ancien régime* (JAMES, 1938, p. 133).

Na França, ainda havia desconfiança em relação ao decreto de liberdade feito pelos comissários. Para acabar com essa desconfiança, uma comitiva foi eleita para levar as boas novas a Paris. Belley, Dufay e Jean-Baptiste Mills foram os primeiros a chegar à França e foram encarregados de explanar a situação na Convenção (DUBOIS, 2022, p. 211).

James descreve como três representantes de Saint-Domingue foram recebidos na França após a chegada ao poder de Robespierre. Ele relata os acontecimentos e a sessão da Convenção Nacional do dia 3 de fevereiro de 1794, que levou à aprovação da abolição da escravatura em todas as colônias francesas no dia seguinte. James faz uma analogia com uma

pessoa da África do Sul lutando por igualdade racial, considerando o contexto do regime de apartheid na época em que escreveu seu livro (JAMES, 1938, p. 138)

"à convenção nacional declara que a escravidão esta abolida em todo o território da República; em consequência, todos os homens, sem distinção de cor, desfrutarão dos direitos dos cidadãos franceses" (DUBOIS, 2022, p. 211).

Assim como afirma James, Hobsbawm atribui ao governo dos Jacobinos na França as grandes conquistas e a consolidação dos direitos do Homem. No entanto, a concepção da Revolução de Saint-Domingue difere entre os dois autores. Hobsbawm argumenta que os jacobinos aboliram a escravidão em suas colônias para que os negros lutassesem ao seu lado contra os ingleses e espanhóis. Além disso, os franceses foram os responsáveis por criar a imagem de Toussaint Louverture como o "primeiro grande líder revolucionário independente". Embora reconheça que a diminuição do domínio francês sobre as colônias tenha sido consequência das guerras na Europa, que causaram um afastamento entre a metrópole e suas possessões, Hobsbawm atribui o surgimento das sedições ao crescimento da autoridade inglesa nos mares do Atlântico e ao crescente sentimento anti-francês (HOBSBAWM, 1962).

No entanto, Morel, em seu livro "A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito", apresenta uma visão diferente. Ele critica a historiografia dominante que associa a Revolução de Saint-Domingue à Revolução Francesa, sugerindo que os rebeldes ou revolucionários aprenderam sobre direitos à liberdade e igualdade a partir da Revolução Francesa, o que teria impulsionado os escravos a se rebelarem. Morel destaca a visão eurocêntrica dessa afirmação, argumentando que até para se libertar, a colônia necessitaria do condicionamento metropolitano.

Na visão de Morel, a Revolução de Saint-Domingue obrigou a Revolução Francesa a concluir e consumar a universalização dos direitos humanos, incluindo a liberdade para todos. Quando esse marco ocorreu, o pilar da colonização, a escravidão, já não existia como tal na "Pérola das Antilhas", graças à ação revolucionária. Outro fator importante é que as experiências de resistência e luta ao longo da trajetória da ilha também ajudaram os revolucionários a garantir sua liberdade (MOREL, 2017, p. 69).

A Revolução de Saint-Domingue tem sido amplamente debatida quanto à sua relação com a Revolução Francesa. Como vimos, Eric Hobsbawm sugere que a liberdade da população negra na colônia foi concedida pelos revolucionários franceses, e os materiais didáticos geralmente seguem essa linha, apresentando a liberdade dos escravizados como resultado direto dos jacobinos franceses.

Analisando nossas fontes, uma delas associa a Revolução de Saint-Domingue à Revolução Francesa, enquanto outras conectam aquela Revolução aos processos de independência na América. Contudo, todas sugerem que as revoluções e processos de independência na América pós-1791 foram influenciados pela Revolução Francesa. Esse tipo de propagação de ideia deve ser questionado em sala de aula, visto que a liberdade dos escravizados não foi concedida pelos franceses; ela já existia na ilha.

1.4 “Irmãos e amigos, eu sou Toussaint L’Ouverture. Meu nome talvez voz seja conhecido. Estou encarregado da vingança”

Esta seção começa com um trecho de uma convocação assinada por Toussaint Louverture. Analisando esta convocatória, publicada em 29 de agosto de 1793, podemos deduzir que as premissas de liberdade e igualdade já estavam entre os desejos mais reais dos revolucionários. É importante destacar que Toussaint possuía o título de "general dos exércitos do Rei, pelo bem público." Aqui, surgem algumas divergências de ideias: qual rei ele estava se referindo? O da França (que havia sido guilhotinado) ou o da Espanha? E o "bem público" se referia à monarquia ou a uma república? (JAMES, 1938, p. 126)

Apelidado de “Washington das colônias” e “Bonaparte negro”, Toussaint também assinava suas correspondências com Napoleão I como “O primeiro dos negros ao Primeiro dos brancos”. Nascido escravizado e com o sobrenome oficial Bredá (o nome do proprietário de seu pai), Toussaint era conhecido como François Dominique Toussaint Bredá. Ele obteve sua alforria aos 30 anos e trabalhou como auxiliar de capataz. Juntou-se à insurreição em 1791, ganhou destaque ao comandar 4 mil homens e recebeu o sobrenome de Louverture ("A abertura"), pois seus comandados afirmavam que sua arma abria uma “clareira nas tropas adversárias”. A emboscada para sua prisão foi planejada por Napoleão; após ser capturado, foi enviado à França e confinado no forte Joux, onde faleceu oito meses depois. Toussaint Louverture é considerado o “Pai Maior da pátria do Haiti”, e sua imagem foi apropriada por diversos governos haitianos, inclusive ditaduras. Quando foi levado para a França, pediu que sua família o acompanhasse; seus descendentes ainda residem no país, embora já não sejam negros (MOREL, 2017, p. 62).

James menciona em uma nota de rodapé que, supostamente, a origem do apelido de Toussaint seria um mito. Acredita-se que o sobrenome Louverture possa vir do espaçamento entre os dentes de Toussaint. No entanto, em outra nota, James sugere que o nome pode ter sido dado por Laveaux ou Polverel, citando que um deles teria dito “este homem faz aberturas em

todo lugar”, o que parece ser uma explicação mais plausível do que uma falha em seus dentes. Contudo, a teoria da falha dentária foi apagada da história, e não há confirmação sobre sua veracidade (JAMES, 1938).

A obra de C.L.R. James pode ser vista como a consagração de Toussaint Louverture, sendo a principal inspiração para este trabalho. O livro retrata Toussaint como um homem à frente de seu tempo, um humanitário e culto. James descreve Toussaint como alguém que, antes mesmo das massas revolucionárias começarem a pensar em liberdade, já estava pensando por elas. O relato destaca que, antes de se engajar na Revolução, Toussaint “manteve os escravos de seu senhor em ordem e impediu os trabalhadores revolucionários de atearem fogo à fazenda”, evidenciando seu apreço pela ordem e prestígio entre seus pares. Sua influência era tamanha que conseguiu impedir ataques às suas terras e a participação de seus iguais na revolta (JAMES, 1938, p. 95).

Sobre sua entrada na Revolução, James o retrata como um homem autônomo e destemido, que não temia ninguém nem se deixava influenciar. Era educado e dedicado à sua senhora e família. Segundo James (1938, p. 95), após assegurar a segurança de sua senhora e seus bens, além de levar sua família para o lado espanhol da ilha para protegê-los, Toussaint dirigiu-se para os campos insurgentes.

“Do caos de São Domingos, que existia então e perduraria pelos anos que se seguiram, ele deitaria as fundações de um Estado negro que dura até os dias de hoje. Desde o momento em que se juntou a Revolução ele foi se líder e caminhou sem nenhuma rivalidade séria em direção ao primeiro posto. Já estabelecemos claramente as vastas forças impessoais e operação na crise de São Domingos. Mas homens fazem História e Toussaint fez a História que fez porque era o homem que era”. (JAMES, 1938, p. 96)

Desde sempre, Toussaint Louverture tinha plena consciência de sua superioridade e “nunca teve a menor dúvida de que seu destino seria liderar: nem aqueles com quem travou contato demoravam muito a reconhecer esse fato” (JAMES, 1938, p. 98).

No trabalho de James, são constantes as descrições “apaixonadas” da personalidade e da força de Toussaint Louverture. No entanto, algumas características e opiniões apresentadas são problemáticas. James afirma que a escravidão diminui o intelecto e destrói o caráter dos escravizados, mas sugere que a estupidez e a falta de caráter não se aplicavam a Toussaint, diferenciando-o do restante (JAMES, 1938, p. 96).

James (1938, p. 145) atribui a Toussaint características “brancas” para enfatizar sua singularidade, descrevendo-o como “contido, impenetrável e rigoroso, com hábitos e maneiras dos aristocratas de berço”. Ele tenta mostrar que, apenas com sua presença, Toussaint era uma figura poderosa: “Amado e temido por seus subordinados” (JAMES, 1938, p. 145). Sua

presença era descrita como "eletrizante" (JAMES, 1938, p. 144).

Em correspondências trocadas com Laveaux, Toussaint é sempre retratado como infalível em seus ataques, um republicano sensato e feroz (JAMES, 1938, p. 154). Em 1796, o prestígio de Toussaint Louverture se espalhava por toda Saint-Domingue, onde "o general do ébano era o primeiro nos conselhos e na afeição do Governador" (JAMES, 1938, p. 157).

Tanto James como Dubois citam o suposto fato de que Toussaint teria tomado para si o que havia lido no fragmento do livro do reverendo Raynal⁸, sobre o surgimento que fala de um "Spartakus negros" (DUBOIS, 2022, p. 214). James destaca que apesar da pouca instrução que lhe foi dada, Toussaint possuía uma capacidade intelectual alta, em comparação com os outros escravizados, o teria levado a este entendimento⁹.

Após a confirmação da abolição da escravidão, Toussaint Louverture se alia ao lado francês do conflito. Com o retorno de Sonthonax e Polverel à França, seu domínio sobre Saint-Domingue se torna cada vez mais abrangente. Louverture, dentro da colônia, se torna progressivamente autônomo em relação às vontades de sua metrópole, e a possibilidade de independência da república francesa começa a surgir. Segundo Dubois, após reorganizar a força de trabalho em Saint-Domingue, Toussaint buscou novos parceiros comerciais para reerguer o comércio, que anteriormente era o maior do mundo atlântico.

Contudo, como acusado por britânicos e norte-americanos, Toussaint não estaria necessariamente planejando a independência, mas sim buscando fortalecer a economia para então renegociar a posição de Saint-Domingue em relação à sua metrópole.

Nos livros didáticos, Toussaint Louverture é frequentemente a figura mais emblemática da Revolução. Constantemente citado, ele é retratado como um dos principais líderes desta Revolução. No entanto, é crucial questionar as representações e ações deste líder. Observaremos que, embora seja descrito como um homem à frente de seu tempo e o concretizador do sonho da liberdade, as nuances das suas ações e o fato de que seu desejo de separação da metrópole não era explicitamente claro devem ser discutidos em sala de aula.

⁸ Leu os comentários de César, o que lhe deu uma certa ideia de política, da arte militar e da conexão entre ambas. Tendo lido e relido o vasto volume do Padre Raynal nas Índias ocidentais e orientais, ele adquirira em base completa em economia e política não apenas de *Saint-Domingue*, (grafia minha), mas sobre tudo o grande império europeu que estava metido na expansão colonial e comercial (p. 96).

⁹ Seu intelecto magnífico teve, toda via, certas oportunidades para cultivar os afazeres gerais, tanto da casa como fora dela: desde o começo ele manobrou com segurança sobrenatural sobre os partidos locais de Saint-Domingue e entre as forças internacionais em ação (p. 97).

As imagens de Toussaint Louverture, frequentemente, mostram um homem negro vestido com roupas de oficiais europeus e com uma pose altiva. Ele é descrito como sério, forte e temido até mesmo por seus aliados, mas também benevolente com muitos brancos.

Contudo, os questionamentos em torno das representações de Toussaint Louverture nos materiais didáticos frequentemente o colocam como figura central, enquanto outros atores da Revolução, que também tiveram importância significativa para sua concretização e consolidação, são negligenciados.

Talvez a preferência por Toussaint Louverture na historiografia se deva ao fato de ele ter sido um dos líderes americanos a rivalizar com Napoleão Bonaparte, o que pode ter levado a historiografia francesa a escolhê-lo como um herói, em detrimento de outros.

Nas fontes que analisaremos, entre as quatro disponíveis, uma optou por não incluir imagens de Toussaint. Duas apresentam imagens de Dessalines e uma mostra uma imagem pouco comum de Toussaint.

1.5 A vingança se concretizou

Em 1801, Charles Victor Emmanuel Leclerc, cunhado de Napoleão Bonaparte e responsável pelas tropas que auxiliaram Bonaparte em seu golpe de estado de 1799, que o tornou primeiro cônsul (DUBOIS, 2022, p. 307), partiu com suas tropas para a ilha de São Domingos. Ao chegar, foram recebidos com acolhimento e rendição na porção espanhola da ilha.

Toussaint Louverture elaborou um plano para enganar Leclerc. Ele enviou dois tipos de cartas para seu irmão, Paul Louverture: uma falsa e outra verdadeira, no caso de serem interceptadas. Seus emissários foram, de fato, capturados por Leclerc, que descobriu as cartas. A carta falsa, que orientava Paul a se render aos franceses, foi acatada, e toda a colônia espanhola foi rapidamente conquistada pelos franceses (DUBOIS, 2022, p. 324).

Posteriormente, Leclerc usou os filhos de Toussaint como mensageiros para entregar uma carta de Napoleão a Louverture. Nesta carta, Napoleão prometia tranquilizar Toussaint quanto às intenções do governo francês, assegurando que não havia planos de retirar a liberdade conquistada pelos rebeldes. No entanto, sem uma resposta imediata de Louverture, Leclerc declarou guerra (DUBOIS, 2022, p. 325). No mesmo dia da declaração de guerra, Leclerc solicitou urgentemente mais suprimentos para suas tropas (DUBOIS, 2022, p. 325). As tropas francesas acreditavam que, derrotando as forças de Louverture, poderiam acabar com a rebelião e forçar os insurgentes a recuar (DUBOIS, 2022, p. 330).

A coalizão militar francesa conseguiu finalmente derrotar Toussaint Louverture. Após a derrota, o encontro entre Louverture e Leclerc tornou-se inevitável. Durante este encontro, Louverture assinou um acordo no qual concordava em se retirar de sua plantação, enquanto seus soldados permaneciam em seus postos e seriam incorporados ao exército francês (DUBOIS, 2022, p. 334).

Em uma carta a Napoleão, Leclerc relatou que todos os chefes rebeldes se renderam, mas que o plano de retirar os oficiais de Toussaint Louverture para a França não poderia ser executado. Leclerc necessitava que os oficiais e as tropas dominadas fossem incorporados ao exército francês para manter sua posição na colônia. A resistência ainda persistia em várias partes da colônia (DUBOIS, 2022, p. 335).

Suspeitando que Toussaint Louverture poderia estar planejando um ataque com o apoio de grupos insurgentes, Leclerc elaborou um plano para retirá-lo da ilha. Informou Louverture de que seria necessário para ajudar como oficial local e eliminar atos de banditismo nas regiões onde residia. Louverture foi atraído para uma reunião, onde sua pequena guarda foi derrotada e ele foi preso (DUBOIS, 2022, p. 337). Toussaint Louverture e sua família foram enviados para a França. Ao embarcar no navio que os levaria para a metrópole, Louverture proferiu as seguintes frases:

"Ao me derrubar, vocês cortaram apenas o tronco da árvore da Liberdade dos negros em santo Domingues; ela crescerá novamente a partir das raízes, porque são profundas e numerosas" (DUBOIS, 2022, p. 337)

As palavras de Toussaint Louverture provaram-se verdadeiras. Mesmo após a vitória sobre Louverture em 1802, as tropas francesas enfrentaram um inimigo ainda mais implacável: as doenças. As tropas recém-chegadas para reforçar o exército foram rapidamente dizimadas pela peste (DUBOIS, 2022, p. 342).

Leclerc temia que seus oficiais, incluindo Dessalines, estivessem aguardando a melhor oportunidade para atacá-lo (DUBOIS, 2022, p. 343). Cada vez mais desesperado e abalado pelas mortes e assassinatos que presenciava e cometia, Leclerc sucumbiu tanto física quanto espiritualmente, e, como muitos de seus comandados, morreu de febre amarela (DUBOIS, 2022, p. 353).

Rochambeau, conhecido por sua reputação de brutalidade, assumiu o comando das tropas francesas em Saint-Domingue. Com seu espírito implacável, ajudou a consolidar uma aliança crucial entre negros e mulatos, o que foi fundamental para a vitória do exército revolucionário (DUBOIS, 2022, p. 354).

Com isso, surgiu um novo sentido de pertencimento entre os guerreiros de Saint-Domingue, e seu exército revolucionário passou a se autodenominar como exército nativo, composto majoritariamente por ex-escravos e oficiais de cor (DUBOIS, 2022, p. 355). Apesar dos conflitos internos, Dessalines conseguiu se estabelecer como comandante sobre a maioria dos insurgentes no início de 1803 (DUBOIS, 2022, p. 356).

O início de uma nova guerra entre franceses e britânicos enfraqueceu ainda mais as tropas francesas em Saint-Domingue, já que o novo conflito levou a França a redirecionar recursos e enviar menos apoio para suas colônias. Rochambeau ficou sem alternativas:

Rochambeau negociou uma rendição. Os vários milhares de soldados franceses remanescentes, juntamente com muitos residentes brancos de Le Cap, zarpam do Porto e foram feitos prisioneiros pelos navios britânicos que os aguardavam. (...) Dessalines marchou triunfante para Le Cap François, que logo recebeu um novo nome: Le Cap Haitien." (DUBOIS, 2022, p.359)

O esboço da declaração de independência do Haiti foi inicialmente baseado na declaração de independência dos Estados Unidos. No entanto, a ideia de uma declaração mais moderada foi rapidamente substituída por uma versão mais vibrante e enérgica.

A escolha do nome Haiti reflete a intenção de Dessalines de incorporar símbolos indígenas como parte da construção de uma nova identidade nacional. Não é a primeira vez que Dessalines utiliza elementos nativos para afirmar a nova nação; anteriormente, ele havia autoproclamado seu exército como Incas, empregando símbolos indígenas para demonstrar seu vínculo com a terra (DUBOIS, 2022, p. 361).

o Haiti seria A negação não apenas do colonialismo francês, mas de toda a História do império europeu nas Américas. A nova nação deveria canalizar os séculos de sofrimento daqueles que foram marginalizados pela atividade oficial do colonialismo para uma nova comunidade política, destinada a garantir a liberdade eterna de seus membros estigmatizados." (DUBOIS, 2022, p. 361)

"Salvei meu país. Vinguei a América." Jean-Jacques Dessalines. (DUBOIS, 2022, p. 363)

Neste capítulo, apresentamos duas perspectivas sobre uma mesma Revolução, utilizando como fontes principais as visões de C.L.R. James, Laurent Dubois, Linebaugh e Redick. A trajetória da Revolução é épica, marcada pela conquista da liberdade pelos escravos da colônia francesa de Saint-Domingue. Destacamos seus líderes, entre eles Toussaint Louverture, um dos mais citados na historiografia sobre o tema. A religiosidade como ponto de convergência entre os cativos para a organização e o papel das mulheres, que é pouco explorado nesse contexto, também são discutidos.

Como apoio para as discussões, abordaremos o papel da escola e da disciplina de História na introdução desse conteúdo em sala de aula. Discutiremos a tentativa de romper

alguns paradigmas sobre a representação e imagens de pessoas negras nos livros e materiais didáticos, além do papel da escola, dos livros didáticos e do professor nessa jornada. Também faremos uma análise das fontes e debateremos como cada uma escolheu o seu conteúdo.

Apesar de ter conquistado e proclamado a independência do Haiti, Jean-Jacques Dessalines, mesmo com sua importância, é pouco citado nas fontes didáticas que utilizaremos. A diversidade de ideais e de liderança, como já ressaltado, deve ser abordada em sala de aula. Nas fontes que utilizaremos, embora Dessalines esteja presente em duas delas, sua importância no processo de independência não é destacada, sendo mencionado apenas como general de Louverture.

CAPÍTULO 2

Neste capítulo, faremos uma análise sobre como a educação, mais especificamente o ensino de História, pode contribuir para uma representação positiva de personagens negros na História. Analisaremos o papel da escola, da disciplina de História e dos materiais didáticos na promoção dessas representações. Também examinaremos como a Revolução de Saint-Domingue, a única Revolução bem-sucedida realizada por pessoas negras e/ou escravizadas, que culminou na independência da metrópole francesa, é abordada nesses materiais.

2.1 O papel das disciplinas dentro do debate a respeito do conteúdo estudado nas escolas

A partir das fontes que vamos analisar, discutiremos os discursos e representações sobre a Independência do Haiti, com o objetivo de identificar concordâncias e diferenças nas abordagens desses livros didáticos. Antes de começarmos, é necessário refletir sobre o papel da escola na construção de ideias e símbolos, e como ela pode contribuir para o entendimento dos alunos sobre este tema. Ao abordar a Independência de Saint-Domingue, estamos colocando os negros que foram escravizados como protagonistas de seu destino, buscando alterar a concepção de que os africanos forçados a deixar sua terra natal e seus descendentes na América foram meros espectadores de sua própria realidade, e mostrando que também foram protagonistas de suas conquistas.

Primeiramente, devemos entender o conceito de disciplina dentro do ambiente escolar. Para isso, utilizaremos o texto “A História das disciplinas escolares: reflexões sobre o domínio da pesquisa”, de André Chervel (1988), que nos ajudará a compreender o papel da escola em relação aos conteúdos e às disciplinas escolares, e a importância de trazer para a sala de aula fatos e histórias que apresentam outras perspectivas e protagonistas, até então negligenciados.

Para Chervel (1988), existe a concepção de que a escola é, de forma simplista, um mecanismo de repasse de saberes elaborados fora dela, e que esses saberes possuem grande alcance na sociedade. Por essa concepção, a escola passa a ser vista como um lugar conservador e estático.

Para entendermos a importância desse debate dentro da disciplina de História, devemos considerar que, segundo o mesmo autor, a História das disciplinas escolares deve ser pensada não somente como uma História da educação, mas como uma História cultural (CHERVEL, 1988). A sociedade, a família, a religião e outras instituições interferem no ensino e têm a necessidade de incluir na educação elementos e fundamentos que consideram importantes. Identificar esses elementos introduzidos pela sociedade é tarefa da História e das disciplinas, analisar esses fundamentos impostos pela sociedade, que aparecem de forma complexa e sutil (CHERVEL, 1988).

Portanto, a finalidade das instituições de ensino é complexa e varia com cada contexto, mostrando que, além da educação, a escola tem como parte obrigatória a instrução colocada à disposição da finalidade educativa (CHERVEL, 1988). É importante salientar que cada época produziu sua própria escola e que há uma diversidade de literaturas que podem ser utilizadas como documentos para entender cada época, incluindo o livro didático. Outro elemento chave é a função do professor dentro desse sistema.

Segundo Chervel, dentro das finalidades escolares, o professor tem seu lugar determinado, que é na sala de aula, e as práticas pedagógicas foram bastante utilizadas por historiadores da educação como fontes de pesquisa. Muitas vezes, a atividade do professor foi entendida apenas como a de ditar em sala de aula, assemelhando-se mais a um orador que prega e tenta convencer sua plateia.

Rosangela Fiscalli, em seu artigo “Material didático e a prática docente”, apresenta a visão dos professores sobre o material didático. Segundo ela, os professores acreditam que o material didático é um instrumento de grande importância na prática docente, embora também considerem que os materiais didáticos utilizados não ocupam um caráter central nas aulas e não podem substituir o professor. Com relação ao livro didático, as opiniões dos professores são diversas. Alguns acreditam que esta ferramenta pode tornar as aulas monótonas, enquanto outros veem o livro didático como essencial para a organização do conteúdo, reduzindo o uso da lousa e servindo como material orientador para alunos e professores. Já para Pierre Bourdieu no livro que “Escritos de educação”, a respeito da educação, ressalta que:

“A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior às outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos

com base em critérios universalistas; mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes ” (BOUDIEU, 2007)

Para o sociólogo Pierre Bourdieu, o conteúdo cultural transmitido pela escola não é superior a outros conhecimentos; o que diferencia o ensino escolar é o valor atribuído ao que é ensinado, que é considerado válido e absoluto (2007). Bourdieu argumenta que há uma cultura arbitrária composta por signos que uma classe ou grupo dominante impõe como forma universal de conhecimento e cultura. A escola, enquanto instituição com valor autoritário, legitima a cultura e o conhecimento impostos pelas classes dominantes como se fossem saberes universais (2007).

Para disfarçar sua função arbitrária como cultura imposta, as escolas e outros "lugares" ganham um caráter generalizante, como se fossem ideias ou conceitos comuns, em vez de imposições de classes mais abastadas. Dessa forma, a escola assume o papel de propagadora desse conhecimento “universal e imparcial”, tornando-se uma reproduutora genuína das desigualdades sociais (BOURDIEU, 2007).

Se a cultura e o conhecimento ensinados nas escolas são conteúdos impostos pela classe dominante, é lógico que esse grupo tenha mais familiaridade com esses conhecimentos do que a classe dominada, que supostamente teria mais dificuldades em assimilá-los. Assim, ao comparar os resultados escolares de ambos os grupos, notar-se-á que os alunos com mais familiaridade com os conteúdos, ou cuja família propaga a cultura dominante, terão resultados melhores do que os alunos que não possuem essa familiaridade (BOURDIEU, 2007).

Por fim, Bourdieu destaca que há uma violência das camadas dominantes, onde suas culturas tornam-se legitimadas e superiores. A partir dessa perspectiva, Nilma Lino Gomes (2018) discute a necessidade de decolonialidade no ensino brasileiro. Gomes afirma que “o racismo ambíguo brasileiro é um dos pulmões por meio do qual se exala a colonialidade e o colonialismo presentes no imaginário e nas práticas sociais, culturais, políticas e epistemológicas brasileiras” (GOMES, 2018, p. 249). Para a autora, é necessário não apenas ter vontade política para alcançar a decolonialidade, mas também promover mudanças nas bases sociais e políticas, incluindo a integração de pessoas negras nos espaços de tomada de decisões, como na cultura, na educação, na justiça e na saúde.

A colonialidade, segundo Gomes, resulta da dominação colonial que, mesmo após seu término, persiste dentro das estruturas subjetivas de uma nação. Esses resquícios coloniais podem ser observados em instituições sociais, como as escolas da educação básica e seus currículos (GOMES, 2018, p. 251). A autora afirma que esses currículos revelam “quais grupos

sociais podem representar a si mesmos e aos outros e quais podem ser apenas representados ou até mesmo excluídos de qualquer representação" (Apud SILVA, 2016, p. 252), valorizando alguns em detrimento de outros, e fixando normas de raça, gênero e sexualidade. Esses reforços das relações de poder formam subjetividades dentro de práticas coloniais e colonizadoras; portanto, "é preciso descolonizar o currículo" (GOMES, 2018, p. 252).

No Brasil, para entender o papel da disciplina História no contexto escolar, utilizaremos o texto "Abordagens históricas sobre a História escolar" de Circe Bittencourt. Ela discute que as leis de diretrizes e bases da educação nacional começaram a ser pensadas a partir da década de 1950. Muitos desses debates giraram em torno da substituição das disciplinas História e Geografia por "Estudos Sociais", proposta pelo movimento denominado Escola Nova, cujos defensores alegavam o esgotamento dessas disciplinas como justificativa para a substituição.

A partir da década de 1980, com o crescimento dos cursos de pós-graduação e a reabertura política do Brasil, as pesquisas em História ganharam novos enfoques, com uma preocupação em reformular os currículos das ciências humanas. Segundo Bittencourt, as pesquisas desse período seguiram o modelo de autores franceses, focando na origem da História escolar e no surgimento da disciplina no século XIX e início do século XX. Esse modelo historiográfico francês enfatizava a construção das "tradições nacionais" com o objetivo de criar e difundir uma identidade nacional. Esse enfoque levou à constatação de que os currículos não são apenas para a sala de aula, mas também atuam como propagadores das tradições nacionais, criando uma identidade coletiva, e que essa construção ainda é incerta (BITTENCOURT, 2010).

A partir da década de 1980, as produções das pós-graduações no Brasil começaram a mostrar mudanças tanto na educação escolar quanto nas políticas públicas, especialmente na formação de professores. Tornou-se necessário trazer para a História outros personagens que contribuíram para a construção da História nacional. As pesquisas não apenas analisaram a historiografia e o que era produzido para as escolas, mas também quem eram os responsáveis pela elaboração das políticas educacionais. Isso ajudou a identificar a quem pertencia o poder de elaboração dos currículos e quais disciplinas eram "integradas ou descartadas nesse processo" (BITTENCOURT, 2011).

Na segunda metade da década de 1990, as novas definições das políticas públicas, segundo Bittencourt, estabeleceram novas bases na "pluralidade cultural da sociedade

brasileira”, transformando nosso conhecimento curricular. Grupos e gêneros sociais começaram a questionar sua “ausência” nos conteúdos escolares.

Outra inovação foi a crescente preocupação com a didática voltada para a História em sala de aula, incluindo o professor como um elemento capaz de resistir ou propagar as orientações curriculares. Isso ampliou as possibilidades de fontes, levando as pesquisas a analisar não apenas fontes oficiais, mas também aquelas produzidas no interior da sala de aula (BITTENCOURT, 2011).

Essas novas demandas têm contribuído para a elaboração de uma História escolar mais inclusiva para as populações indígenas e afrodescendentes, especialmente a partir de 2003, com a introdução nas diretrizes curriculares do ensino de História e cultura Afro-brasileira e africana e indígena (BITTENCOURT, 2011).

Sobre esse tema, Nilma Gomes ressalta que o Movimento Negro brasileiro luta contra o racismo, a injustiça social e busca a igualdade para as pessoas negras, enfrentando as mazelas impostas pela colonialidade. A luta do movimento visa a implementação de políticas de Estado para pôr fim às discriminações e violências historicamente reproduzidas (GOMES, 2018, p. 250).

2.2 A importância da disciplina História para a propagação de ideias e conceitos.

Na sua organização como disciplina, a História, segundo Bittencourt, em seu artigo “Reflexões sobre o ensino da História”, só foi reconhecida como uma disciplina organizada no Brasil ao longo do segundo Império, começando em 1831, quando passou a ser incluída em alguns exames de admissão, principalmente na cidade de São Paulo.

Elza Nadai, em seu texto “O ensino da História no Brasil: trajetória e perspectiva”, argumenta que a escola era um espaço de disputas entre o poder religioso e o laico, e a construção da História como disciplina ocorreu nesse ambiente (NADAI, 1992). Com a instauração do regime republicano, o ensino da História da pátria foi introduzido nas escolas primárias com o objetivo de consolidar uma identidade nacional que justificava os privilégios de uma política oligárquica sobre outros agentes sociais. A disciplina História foi incumbida de “inventar as tradições”, assim como fizeram os americanos e europeus (BITTENCOURT, 2011). Se refletirmos sobre isso, não é tão diferente do que vivenciamos atualmente.

Nadai (1992) complementa essa ideia mostrando que a História era apenas um complemento, sem estrutura própria, dedicada ao estudo de homens “ilustres”, datas

comemorativas e batalhas. Segundo a autora, desde o início da República, houve uma preocupação com a criação de “heróis e festas cívicas”.

Partindo disso, a nossa História valorizou o colonizador português e, posteriormente, o imigrante europeu, com os negros escravizados e os povos indígenas sendo “coadjuvantes”. O processo civilizatório tentou criar a ideia de uma nação socialmente equilibrada e sem conflitos, utilizando o passado para confirmar esse discurso. O escravo foi retratado como se tivesse aceitado sua condição pacificamente, e a resistência indígena à invasão dos colonizadores e sua diversidade foram apagadas. O colonizador foi apresentado como o grande ocupante de um imenso espaço vazio (NADAI, 1992).

Quando falamos que a nossa História foi pensada no modelo francês, que privilegia os grandes homens, questionamos as escolhas dos livros didáticos ao selecionar imagens e conteúdos. O resultado foi décadas de estudos sobre uma História de um país inexistente, que escondia as desigualdades sociais e a dominação de uma elite (NADAI, 1992).

Nas décadas de 1980 e 1990, as representações de pessoas negras mostraram uma depreciação em relação à valorização dos personagens brancos. Isso evidenciou uma “depreciação e naturalização da condição de ser branco, cuja superioridade não precisa ser explícita, mas é universal”. Os livros analisados apresentavam sub-representações de negros e indígenas, frequentemente retratados como subalternos, tanto adultos quanto crianças (ROSENBERG; BAZILLI; SILVA, 2003, p. 10).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases incluiu as escolas indígenas e quilombolas em todos os níveis. Com isso, houve uma mudança no conteúdo voltado para a disciplina História, visando fornecer uma formação cidadã e democrática. As leis 10.639 e 11.645 foram introduzidas e integradas aos currículos, buscando, apesar de ainda estarem submetidas a uma visão eurocêntrica, promover um convívio sem discriminações (BITTENCOURT, 2011).

Segundo Bittencourt (2011), a partir de 2016, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe uma “modernização dos conteúdos escolares, tendo como premissas as novas vivências da geração das mídias”, onde o objetivo dos jovens é pertencer ao sistema econômico vigente, tornando-os usuários de novos aparelhos tecnológicos. Para ela, as gerações futuras devem ter um aprendizado eletrônico, mas também é necessária uma reforma pedagógica que valorize o capital humano tanto quanto o capital financeiro.

Para Elza Nadai, ao estudar a disciplina História, devemos ter em mente que seus principais agentes, aluno e professor, são sujeitos históricos e, portanto, estão em constante construção social. Assim, a compreensão da História deve ser vista como um movimento social

e de memória, um discurso que constrói o passado e o futuro. Dessa forma, nossa compreensão sobre a História terá um foco diferenciado, tanto institucional quanto como memória social.

2.3 O livro didático e a formação do conhecimento.

Chartier, em seu livro *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, cita os estudos de Dan McKenzie para mostrar que, segundo McKenzie, os textos devem considerar aspectos como “o formato do livro, o layout da página, como o texto está dividido, se havia ou não imagens incluídas, convenções tipográficas e pontuação”, sem ignorar os significados intelectuais ou estéticos das obras (2014, p. 20).

Chartier ressalta também que, de forma básica, é necessário “associar na mesma análise os papéis atribuídos à escrita, às formas e suportes da escrita e aos modos de leitura” (2014, p. 21). Ele também nos traz as seguintes indagações:

Como podemos reconhecer uma ordem de discurso, que tem sido sempre uma ordem de livros ou, em outros termos, uma ordem da palavra escrita associado intimamente a autoridade do conhecimento e a forma de publicação, quando possibilidades técnicas permitem, sem controles ou demoras, a circulação universal de opiniões e conhecimento, mas também de erros e falsificações? (CHARTIER. 2014)

Contudo, Chartier ressalta algo importante para nossa análise ao afirmar que “se queremos compreender os significados que os leitores davam aos textos dos quais se apropriavam, precisamos projetar, conservar e compreender os objetos escritos que os continham” (2014, p. 24).

Chartier também pontua que os apelos da História devem respeitar a memória; feridas devem ser curadas para que tenhamos um melhor acesso à informação. No entanto, não cabe ao historiador reconstruir a História, mas entender que ele não possui o domínio das representações do passado. Além disso, “as insurreições da memória e as seduções da ficção proporcionam uma acirrada competição” (CHARTIERS, 2014, p. 25-26).

Para Circe Bittencourt, em *Livros Didáticos: Entre Texto e Imagens*, muitos professores não utilizam os livros didáticos ou os culpam pelo sucateamento do aprendizado nas escolas, enquanto outros, de forma positiva ou consentida, veem o livro didático como uma ferramenta auxiliar na sala de aula. Independentemente de como é visto e utilizado, o livro didático continua sendo uma referência importante, embora cara, para escolas, pais e alunos.

O crescente interesse pela pesquisa dos livros didáticos tem se elevado entre os estudiosos, que discutem a complexidade de analisá-los devido aos múltiplos ângulos envolvidos. Segundo Bittencourt, não podemos ignorar que as produções desses livros seguem

uma lógica de mercado, e, portanto, essa “mercadoria” sofre diversas interferências em seu processo de “fabricação” (BITTENCOURT, 2011).

O livro didático também pode ser visto como um sistematizador do conteúdo das propostas curriculares, repassando os conteúdos considerados fundamentais para a sociedade em sua época. Além disso, ajuda na formação de condições de ensino para o professor, e é comum a existência do “manual do professor”, que traz propostas e até dicas de conteúdo para complementar o conhecimento do professor sobre o que será abordado em sala de aula. Em nossa análise, utilizaremos dois tipos de manuais do professor.

Devemos também entender que o livro didático, assim como a escola, serve como um vetor de valores e ideologias culturais. Várias pesquisas demonstram que os conteúdos desses livros reforçam estereótipos e valores dos grupos dominantes, levando em consideração as normas de uma sociedade heteronormativa, burguesa e branca (BITTENCOURT, 2011).

Em seu artigo *História dos Livros e das Edições Didáticas: Sobre o Estado da Arte*, Alain Choppin discute as atualizações do livro didático. Choppin mostra que a grande utilização do livro didático em diversos países se deve à sua importância econômica dentro do setor editorial nos últimos séculos. No Brasil, por exemplo, os livros didáticos representam dois terços dos livros publicados desde o início do século XX, e, em meados da década de 1990, esse mercado correspondia a aproximadamente 61% do mercado editorial do Brasil. As discussões sobre esses aspectos têm crescido desde o início dos anos 2000.

Choppin ressalta que, nos últimos quarenta anos, as pesquisas sobre livros didáticos voltados para a disciplina História cresceram consideravelmente. Esse dinamismo está ligado a diversos fatores, como o crescimento do interesse pela História e pela historiografia educacional, a ampliação das demandas sociais, o interesse em recuperar acontecimentos de identidade cultural e as reivindicações de grupos minoritários. A grande variedade científica deve-se ao fato de o livro didático possuir múltiplas funções, além de outros meios educativos e pela diversidade de personagens que abrange. Para o historiador que se debruça sobre a questão dos livros didáticos, a multiplicidade de funções pode se tornar um problema de definição (CHOPPIN, 2004).

O livro didático possui quatro funções principais, que variam conforme o ambiente sociocultural, o período histórico, a metodologia e a forma como é utilizado. São elas: Função referencial, onde o livro apenas repassa o conteúdo programático; Função instrumental, onde propõe atividades para facilitar a memorização do conhecimento; Função ideológica, sua função mais antiga, onde o livro transmite a língua, a cultura e os valores das classes

dominantes; e, por fim, Função documental, onde o livro fornece, sem direcionamento, um conjunto de textos e documentos que podem levar o aluno a desenvolver um espírito crítico (CHOPPIN, 2004).

Choppin ainda afirma que o livro didático não deve ser visto como o único instrumento para a educação dos jovens e que é necessário considerar a multiplicidade dos agentes envolvidos no processo do livro didático, desde a concepção pelo autor até a escolha do livro pelo professor (CHOPPIN, 2004).

A pesquisa sobre a História dos livros revela diversos aspectos. Para Choppin, o livro didático não pode ser visto como uma simples reflexão da realidade, pois pode transformar a realidade ao favorecer certas imagens e silenciar conflitos que marcaram nossa sociedade. Como historiadores, devemos analisar o limiar entre o real e o ficcional, levando em consideração a intenção dos autores e o que optaram por silenciar (CHOPPIN, 2004).

Com isso, compreendemos que os pesquisadores se interessam principalmente pela História voltada para as mentalidades, o que ocorre frequentemente com livros destinados à escolarização (nível fundamental), pois são mais influentes na formação da mentalidade. Essa lógica também pode levar os pesquisadores a privilegiarem livros com grandes tiragens, resultando em uma repetição de produções científicas com recursos documentais limitados (CHOPPIN, 2004).

2.4 A independência do Haiti no livro didático: o que nos “falam” e o que nos “calam”.

Para analisarmos como a Revolução de Saint-Domingue, ou independência do Haiti, e a complexidade do tema são apresentadas no material didático, utilizaremos três livros diferentes do ensino fundamental, mais precisamente no 8º ano. Dentre eles, *Araribá Mais História*, da Editora Moderna¹⁰, que foi fundada em 1968 por Ricardo Feltre e mais dois professores. Inicialmente, a editora produzia livros didáticos para o segundo grau, mas a partir da década de 1980, ingressou no mercado de livros infantis. A partir de 1990, alcançou destaque no mercado editorial, tornando-se líder em livros didáticos. Em 2001, a editora passou a integrar o grupo Santillana, que atua em 22 países.

No livro *Imagen e Educação*, quando usamos o termo 'imagem', automaticamente o relacionamos com fotos, pinturas, televisão ou internet. No entanto, este termo também pode se referir a "imagem mental", onde, para que uma imagem possa ser elaborada em nosso imaginário, leva-se em consideração nossa cultura, religião, dentre outros aspectos de nossa

¹⁰ Ver em: <https://pnld.moderna.com.br/historia/arariba-mais/>

vivência. Assim como contribui para a nossa autoimagem dentro da sociedade (OLIVEIRA, 2006, p. 8).

O acesso a imagens, ao longo dos séculos, esteve relacionado com a posição social do indivíduo; ou seja, a observação de imagens e iconografias foi um privilégio das elites (OLIVEIRA, 2006, p. 11).

Finalmente, temos, ainda, um outro sentido para o termo imagem, quando o utilizamos nos referindo ao conjunto de opiniões que os indivíduos ou grupos sociais formam a respeito de algo, como, por exemplo, a imagem de uma empresa junto ao público (se a empresa presta bons serviços, ela tem uma “boa imagem” junto ao público); a imagem pública de um político junto ao povo (se o político exerce as suas funções com integridade, tem uma “boa imagem” junto ao eleitorado); a imagem de uma instituição pública junto aos contribuintes da nação etc. (OLIVEIRA, 2006, p. 11)

Circe Bittencourt (2011), em seu estudo sobre os livros didáticos, ressalta que o livro didático, como conhecemos, deve ser visto como uma mercadoria, destinada a ser comercializada dentro de uma lógica de mercado. Como produto a ser vendido, ele acaba sofrendo interferências de editores, autores, técnicos e ilustradores até adquirir a forma ideal para a comercialização.

O livro didático também é visto como uma fonte fidedigna do conteúdo escolar e seria a ferramenta que levaria os conteúdos ministrados nas universidades para as salas de aula do ensino básico. Contudo, esse deslocamento de saberes cria padrões, conceitos, formas de organização do conteúdo, entre outros. Os livros didáticos trazem propostas de atividades ou tarefas para o conteúdo proposto, a fim de sistematizá-lo. Ou seja, os livros didáticos não trazem apenas os conteúdos a serem estudados, mas também a forma de como ensiná-los (BITTENCOURT, 2011), sendo um dos principais instrumentos de ensino desde o século XIX (BITTENCOURT, 2011).

Apesar de ser uma ferramenta que auxilia e até proporciona certa autonomia aos alunos, o livro didático traz consigo uma linguagem que tem a proposta de ser acessível. Todavia, corre-se o risco de que essa linguagem se torne simplificada para questões que exigem um pouco mais de complexidade. Além disso, pode haver uma padronização do conteúdo, considerando a lógica de mercado que deve ser seguida (BITTENCOURT, 2011).

Não se pode esquecer do papel importante que o professor adquire nesse contexto. Mesmo que o livro didático possua seu direcionamento, o professor tem a autonomia de questionar o conteúdo, selecionar capítulos, mesmo que estejam dentro das habilidades solicitadas pela escola (BITTENCOURT, 2011).

Bittencourt aponta que um dos objetivos e a importância atribuída às imagens históricas é que os alunos poderão "ver as cenas históricas" através dos livros didáticos, como

uma forma de memorização do conteúdo que é mesclado com as imagens, onde estas reforçariam o conteúdo dos textos (BITTENCOURT, 2011).

As ilustrações estão ligadas a condições de mercado e técnicas, que mostram os limites dos autores. O diagrama, as páginas, as cores, as dimensões das imagens, entre outros aspectos, são estabelecidos por especialistas, e o autor não interfere na composição do livro. Essa visão nos permite concluir que os didáticos nos dão a possibilidade de observar que os autores não possuem poder na escolha das imagens para suas obras (BITTENCOURT, 2011). Por isso, analisaremos o histórico e como cada editora escolheu apresentar o conteúdo em seus livros.

No livro *História, Sociedade & Cidadania* da editora FTD¹¹, que são as iniciais de Frére Theóphane Durand, que foi o superior geral da congregação Marista entre os anos de 1883 a 1907, porém, a editora só foi criada em 1902, e até o momento, ainda pertence ao Instituto Irmãos Maristas.¹² Teláris História: Ensino fundamental- anos finais da editora Ática 1º edição (2018) que é da editora Ática, foi fundada em 1965 pelo irmãos Anderson Fernandes dias e Vasco Fernandes dias filho e Antônio Narvaes Filho. Após o golpe militar de 1964, a editora teve uma grande expansão no mercado editorial. E em 1999, a Ática foi comprada pelo grupo Abril¹³.

Também utilizarei o material didático disponibilizado pela Prefeitura de Marabá, intitulado "4º Caderno de Estudos em Rede - Ensino Fundamental - 8º Ano", publicado em agosto de 2021, para auxiliar docentes e discentes durante a vigência da pandemia de Covid-19. As edições dos livros didáticos que serão analisadas são o (famigerado) "Manual do Professor".

Começaremos analisando como cada um dos livros escolheu nomear o título do conteúdo estudado. O livro da editora Moderna, *Araribá*, tem como coordenadora a autora Ana Claudia Fernandes, que se formou como bacharel em História, possui mestrado em História Social e está atuando na produção e coordenação de materiais didáticos na Editora Moderna.

Outrossim, nos traz como título "Independência do Haiti" ao pesquisar qual o significado da palavra independência, deparo-me com o seguinte: "condições da pessoa livre, de quem não deve obediência a alguém; estado do que não depende de alguma coisa para existir: independência financeira, emocional, espiritual"¹⁴. Quando falamos de independência no contexto colonial nas Américas, devemos nos lembrar que este foi um conceito e teve

¹¹ Disponível em: https://issuu.com/editorraftd/docs/historia-sociedade-e-cidadania-mp-8_divulgacao

¹² Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tica_\(editora\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tica_(editora))

¹³ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tica_\(editora\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tica_(editora))

¹⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/independencia/>

importância diversa para cada nação.

Para isto, podemos citar a pesquisadora Maria Ligia, que, segundo afirma, os processos de independência latino-americanos, na maioria dos casos, se deram a partir da quebra do sistema colonial pelas elites locais que visavam vantagens do capital. No caso do Haiti, a independência foi a necessidade de manter-se livre que os levou a tal “ousadia”.

Assim como no livro da Editora FTD, que tem como principal responsável pelos livros de História Alfredo Boulos Junior, doutor em Educação com ênfase em História da Educação, com cerca de 65 produções entre livros didáticos e materiais ou apresentações direcionados à educação, e doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este livro também adota a mesma nomenclatura. Este fato chama a atenção, pois durante a pesquisa bibliográfica, encontramos frequentemente o termo “Revolução do Haiti”, e este termo, “Revolução”, nos remete a outra concepção do levante dos escravizados na ilha, visto que o significado de Revolução é “ação de revolucionar, de incitar uma revolta; rebelião, insurreição: muitas foram as Revoluções liberais do século XIX”¹⁵.

Contudo, Morel cita o pesquisador Eugene Genovese, que afirma que a Rebelião se transformou em Revolução quando um inimigo mais perigoso, a volta da escravidão, surgiu no horizonte. Como podemos observar, este termo remete a uma visão muito mais violenta e até mesmo desorganizada. O mesmo ocorre com o termo Revolução; cada nação ou povo que procurou realizar uma o fez por motivos ou objetivos diversos. Para Bernard Bailyn, por exemplo, a Revolução Americana difere das Revoluções Francesa e Russa, pois estas duas “lançaram em ruínas as bases de milhares de vidas individuais esfacelando-as”, enquanto a Revolução Norte-Americana ocorreu de forma gradual, transformando a ordem da sociedade até seu final em 1776. Ou seja, não é um conceito único.

O livro *Telaris*, da Editora Ática, tem como autores Claudio Roberto Vicentino e José Bruno Vicentino Vicentin (VICENTINO, 2018). Claudio Roberto Vicentino formou-se na década de 1970 em Ciências Sociais e possui experiência em História e História do Brasil. Atualmente, é um dos autores dos livros didáticos das coleções “Somos Educação” das editoras Scipione e Ática, área na qual trabalha desde 1994. José Bruno Vicentino possui graduação em História.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas nos sites dos periódicos da Capes, no acervo de dissertações do site nacional do ProfHistória e no site da SciELO para quantificar o quanto os livros dessas editoras já foram utilizados como fontes. O resultado foi o seguinte: as buscas

¹⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/revolucao/>

por trabalhos que utilizaram esses livros didáticos mostraram-se interessantes. Com relação aos livros de Alfredo Boulos, principalmente o “Sociedade, Cidadania e História”, existem sete (07) trabalhos que o utilizam como fonte. Devemos destacar que se trata de um livro voltado para o ensino médio. No acervo dos periódicos da Capes, observamos 21 trabalhos. Dentre os autores dos livros utilizados como fonte, apenas Ana Claudia Fernandes Ferreira aparece com produções acadêmicas recentes voltadas para a educação. Nos periódicos da Capes, existem seis trabalhos em que ela é citada como autora. O livro didático Araribá, coordenado por ela, possui 14 produções.

Tanto o Araribá quanto o Sociedade, Cidadania e História apresentam um pouco do histórico da ocupação da ilha, mencionando que os primeiros a chegar foram os espanhóis, e que posteriormente a outra parte foi ocupada pelos franceses. No entanto, o livro da Editora Moderna cita o fato como se a parte ocidental da ilha tivesse sido “concedida” para a ocupação dos franceses, e não como um acordo entre as partes a partir da assinatura do Tratado de Ryswick de 1697.

Apenas o livro da Editora FTD nos traz dados sobre a população, destacando que apenas uma pequena parcela (brancos) vivia em condições luxuosas, enquanto a grande massa populacional, composta por negros escravizados, sobreviviam em condições péssimas e recebiam tratamento desumano.

Para Maria Clara Carneiro Sampaio (2010), um dos fatores que contribuiu para a conquista da independência foram os conflitos ocorrendo no território francês. Assim que um dos símbolos do absolutismo francês, a Bastilha, foi tomado em 1789, o país europeu entrou em uma Revolução, o que fez com que diminuísse o contingente militar em outros territórios, ajudando os escravizados da América Central a lutar por sua liberdade. No país atualmente conhecido como Haiti, a luta começou na forma de resistência aos maus-tratos do sistema escravista, além de representar uma mudança na mentalidade nas colônias do Novo Mundo.

A partir do que foi exposto, podemos analisar não somente as imagens que cada livro escolheu para apresentar o conteúdo, mas também as informações e desdobramentos ocorridos antes, durante e depois da Revolução, que foram escolhidos como fundamentais para o entendimento do aluno.

Contudo, a imagem escolhida pode suscitar debates em sala de aula, como a permanência da cultura trazida pelos escravizados do continente africano, que pode servir como forma de preservar essa cultura. Nos próximos tópicos, vamos analisar como o conteúdo

“Revolução de Saint-Domingue” é discutido nas fontes desta pesquisa, com o objetivo de entender como essa temática é abordada nesses materiais e as escolhas de conteúdo realizadas.

2.5 Araribá

Ao analisar o conteúdo do livro Araribá, observamos que a temática “Revolução de Saint-Domingue” está abordada na Unidade 3 (três), denominada “A Era de Napoleão e as Independências da América”. Ela está inserida no subtema do Capítulo 6 (seis), intitulado “Império de Napoleão e a Revolução de São Domingo” (figuras 1 e 2). Aqui, nos deparamos novamente com o eurocentrismo muito presente em nossos livros e materiais didáticos, pois o título sugere uma ênfase no protagonismo europeu, dado o papel de Napoleão, e sugere que as tentativas de independência nas colônias do continente americano podem ter ocorrido “graças” ao contexto e à influência do Velho Continente.

Figura 1 - Revolta na colônia de São Domingo. c. 1840. Gravura colorizada.



Fonte: História Viva (2009).

A capa da unidade apresenta uma gravura colorizada de uma batalha em Saint-Domingue, intitulada “Revolta na Colônia de São Domingue”, datada de 1840, ou seja, quase 40 (quarenta) anos após a proclamação de independência da ilha (Figura 1). Ao observar as imagens e seus personagens, podemos supor que houve uma tentativa de destacar o protagonismo do exército francês no evento revolucionário.

Essa fonte não vincula a Revolução de Saint-Domingue à Revolução Francesa, mas aborda o conteúdo junto com as lutas por independência na América. Napoleão Bonaparte, por sua vez, é representado em diversos marcos históricos desde o golpe de 18 de Brumário, evidenciando sua trajetória e a construção do mito ao seu redor, posicionando-o como a principal figura deste capítulo.

Há diversas representações de Napoleão Bonaparte: uma imagem do conflito que ocorreu em 1799, onde Napoleão Bonaparte concretiza o seu golpe de Estado e tornou-se o cônsul principal, e uma a imagem do momento em que ele coroa sua esposa Josephine¹⁶, e do seu fim exílio na Ilha de Santa Helena. Por fim, existem duas imagens emblemáticas de Bonaparte que o livro didático traz uma proposta de atividade para que o aluno interprete quais são/foram os objetivos destas, são elas: a obra de Jacques-Louis David. *Napoleão sobre o cavalo na passagem de São Bernardo*¹⁷. 1802-1803 e, Paul Delaroche. *Napoleão cruzando os Alpes*¹⁸. 1850.

Quando o livro trata da Revolução de Saint-Domingue, a introdução oferece um breve histórico da atual situação do Haiti, descrevendo a ocupação da ilha e o cenário econômico da colônia francesa no final do século XVIII. Abaixo, há uma representação de pessoas escravizadas dançando, o que pode sugerir que a vida na referida ilha refletia uma “boa vida” para os escravizados naquele contexto. Os livros analisados destacam que Saint-Domingue tinha grande importância econômica para a França devido às suas plantações de açúcar e outros produtos utilizados nas colônias americanas, conhecidos como "plantations". No entanto, ao analisarmos as imagens, notamos que elas variam bastante entre os livros.

O tema tratado nesta pesquisa é denominado "Independência do Haiti", evitando a primeira denominação de Revolução ou Saint-Domingue. Este recurso pode ter sido escolhido para evitar confusão com a capital da República Dominicana, que é Santo Domingo.

¹⁶ Disponível em: <https://guiadolouvre.com/napoleao-coroando-a-imperatriz-josefina/>

¹⁷ Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Napoleon_at_the_Great_St._Bernard_-_Jacques-Louis_David_-_Google_Cultural_Institute.jpg

¹⁸ Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062901>

No livro da editora Moderna, as imagens discutidas incluem: uma gravura de Agostino Brunias, "Dança dos nativos de São Domingo", do século XVIII; e uma representação da independência do Haiti em 1804, datada de c. 1830, litogravura colorida, Biblioteca Nacional, Paris. Inicialmente, a primeira imagem pode causar interpretações dúbias, sugerindo que a dança e comemoração de pessoas em um contexto de escravidão poderia atenuar a残酷 da escravidão. Contudo, ao discutir a imagem em sala de aula, é possível perceber que ela destaca a importância da permanência da cultura e da religião dos povos africanos trazidos para as Américas, servindo também como uma representação da resistência cultural africana.

Em seu conteúdo, o livro apresenta um histórico da ilha, destacando, assim como nas outras fontes, sua primeira ocupação pelos espanhóis até a chegada dos franceses. O texto aborda a produção agrícola desenvolvida na ilha, com ênfase na produção e cultivo de anil, açúcar e café. No segundo tópico, intitulado "Levante dos Jacobinos Negros", há uma clara alusão ao livro de C.L.R. James, "Jacobinos Negros", que descreve o processo revolucionário da colônia francesa durante a vigência da Assembleia Constituinte na França. O livro menciona um dos líderes do movimento, Toussaint Louverture, porém, não há representações dele nesta obra.

Por fim, é apresentada uma imagem que faz uma clara alusão a personagens e símbolos europeus, com representações de anjos, Jean-Jacques Dessalines sendo coroado com ramos de ouro, e um personagem indígena com características europeias (Figura 3). O livro também menciona a tentativa de Napoleão Bonaparte de reprimir o levante e restaurar a escravidão em 1803, enviando um contingente de 20 mil soldados para Saint-Domingue. No entanto, a resistência dos revolucionários prevaleceu. Jean-Jacques Dessalines é destacado como uma grande liderança para a independência, sendo um ex-escravizado responsável por conquistar a independência de Saint-Domingue, atualmente conhecido como Haiti.

Ao final do capítulo, há uma proposta de atividade intitulada "Em debate", que apresenta ao aluno alguns pontos e visões sobre o tema estudado. Neste caso, o tema a ser analisado é a situação atual da ilha haitiana. Para sistematizar a pauta para o aluno, serão apresentados cinco excertos de autores que discutem alguns dos motivos que levaram o Haiti a se tornar um dos países mais pobres do continente americano.

Figura 2 - Dança dos nativos de São Domingo. Século XVIII. Gravura.¹⁹



Fonte: Fernandes (2018, p.85)

No tópico “O Levante dos Jacobinos Negros”, que faz referência ao livro de C.L.R. James, o texto apresenta um pouco do histórico da Revolução Francesa e destaca que, ao decretar direitos iguais entre os homens, a Revolução “esqueceu-se” dos homens das colônias e dos escravizados.

Além disso, o livro detalha a trajetória de Toussaint Louverture, um ex-escravizado que conseguiu organizar e disciplinar seu exército durante a Revolução de Saint-Domingue. Também menciona Jean-Jacques Dessalines como uma das grandes figuras da conquista da independência. O livro apresenta uma litogravura colorida da Biblioteca Nacional de Paris, que representa Dessalines recebendo coroas de louro de um anjo e uma constituição de uma mulher, simbolizando a República (Figura 3).

¹⁹ Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Agostino-Brunias/824055/Uma-Dan%C3%A7a-Negra-na-Ilha-da-Dom%C3%ADnica.html>

Figura 3 - Representação da independência do Haiti em 1804. c. 1830.



Fonte: Fernandes (2018, p.86)

Para finalizar, este livro apresenta uma ferramenta chamada “Debate”, que inclui trechos de obras de autores que discutem o conteúdo no Brasil. São obras de quatro autores: Jacob Gorender, com “O épico e o trágico na história do Haiti”; Vanessa Braga Matijascic, com “Haiti: uma História de instabilidade política”; Maria Clara S. Carneiro Sampaio (2010), com “Algumas reflexões sobre a História do Haiti e suas Durações”; e Larissa Viana, com “A Independência do Haiti na Era das Revoluções”. Essas obras discutem o contexto social e econômico atual da ilha haitiana, apresentando duas questões avaliativas para que o aluno desenvolva uma opinião sobre o assunto, com base no que foi estudado e nas informações fornecidas.

Concluindo a análise, observamos que esta fonte não propõe uma reflexão aprofundada sobre o que levou a ilha de Saint-Domingue a proclamar uma revolta e, posteriormente, sua independência. Parece que a independência é apresentada como algo que ocorreu “naturalmente” após a Proclamação da República na França. Em nenhum momento são abordadas as insurreições e as formas de resistência dos escravizados. Embora mencione os dois grandes líderes da independência, Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines, o livro não se preocupa em detalhar a trajetória e a importância desses personagens.

2.6 “História, Sociedade & Cidadania”

No livro de Alfredo Boulos Junior, “História, Sociedade & Cidadania”, a Revolução do Haiti está abordada na Unidade 2, no capítulo 7, intitulado “Independências: Haiti e América Espanhola (atual Haiti)” (Figura 4). A capa do livro exibe uma imagem do “Memorial da América Latina”, denominado “Mão” pelo seu criador, o arquiteto Oscar Niemeyer, em 1989. Este memorial foi concebido com o intuito de estreitar as relações entre nações latino-americanas²⁰. Acredito que a escolha desta imagem visa simbolizar a integração entre as “Histórias” de independências da região. O texto ao redor da imagem fala que:

“A obra em foco é uma escultura chamada **Mão** (grifo do livro), criada pelo arquiteto carioca Oscar Niemeyer (1907-2012). Ela faz parte do complexo arquitetônico do Memorial da América Latina, situado em São Paulo, e é hoje um símbolo da cidade. Observe-a com atenção.”

“O que essa escultura lembra a você? O que a área coberta de vermelho está representando? O que o artista pode ter sugerido ao pintar essa área de vermelho? Essa escultura pode ser relacionada ao assunto deste capítulo? Já há alguns anos, em 25 de janeiro, data do aniversário de São Paulo, ocorre a cerimônia conhecida como Lavagem da Mão. Faça uma pesquisa rápida sobre essa cerimônia para conhecer seu significado.”

²⁰ Mais informações no site: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/memorial-da-america-latina-acervo/> acessado em: 05/03/2023

Figura 4 - Memorial dos povos da América latina



Fonte: Boulos Júnior (2018)

Esta fonte se distingue ao vincular o conteúdo da Revolução de Saint-Domingue ao tema das independências da América. Observamos que a principal diferença deste livro em relação aos demais materiais é a preocupação em mencionar que a Revolução ocorreu na ilha enquanto ela ainda era chamada de “Saint-Domingue”, e não “Haiti”, nome que só foi adotado ao final de todo o processo revolucionário. As figuras 5 e 6 estão presentes no livro, e dois aspectos devem ser destacados: o primeiro é a escolha dessas imagens que evidenciam o conflito entre negros e brancos; o segundo é a representação de um dos principais líderes revolucionários, Toussaint Louverture.

Figura 5 - Jean-François Pourvoyeur retratando uma revolta negra durante as lutas pela independência em São Domingos



Fonte: Temática História (2021)

Figura 6 - François Dominique Toussaint L'Ouverture



Fonte: Metmuseum (1802)

No livro de Alfredo Boulos Junior, “História, Sociedade & Cidadania”, a Revolução do Haiti está contida na unidade 2 e é o capítulo 7 do livro, intitulado “Independência do Haiti e América Espanhola (atual Haiti)” (Figura 4). A capa apresenta uma imagem do “Memorial

da América Latina”, intitulado “Mão” pelo arquiteto Oscar Niemeyer, criado em 1989 com o intuito de estreitar as relações entre nações latino-americanas. Acredito que esta imagem tenha sido escolhida para simbolizar uma integração entre as histórias de independência da região.

Esta fonte se diferencia das anteriores ao associar o conteúdo da Revolução de Saint-Domingue ao tema das independências na América. A principal diferença deste livro em relação aos outros materiais é a preocupação em mencionar que a Revolução ocorreu quando a ilha ainda era chamada de “Saint-Domingue”, e não “Haiti”, nome adotado apenas ao final do processo revolucionário. As figuras 5 e 6 presentes no livro destacam dois aspectos importantes: a escolha das imagens que expõem o conflito entre negros e brancos, e a representação de um dos principais líderes revolucionários, Toussaint Louverture.

Ao contrário das fontes anteriores, esta fonte não deixa de citar e representar o grande líder revolucionário Toussaint Louverture. O livro ressalta que o levante das populações negras escravizadas nas colônias ganhou força durante o governo dos Jacobinos na França, alinhando-se à análise de C.L.R. James em “Jacobinos Negros”.

Além disso, o livro oferece um breve histórico da ilha, semelhante às outras fontes, destacando a chegada de Colombo e a primeira denominação da ilha como Hispaniola em 1492. Há um resumo do histórico da ilha, enfatizando a chegada dos espanhóis nas Américas, o início da colonização e a chegada de negros escravizados para as plantações. O livro destaca a importância das plantações na colônia francesa, sua prosperidade econômica e o uso de mão de obra escravizada. A divisão social é ressaltada, mostrando a população de brancos (7%), negros (87%) e mulatos, sem informações sobre as demais porcentagens populacionais.

Diferente das outras fontes analisadas, este livro dá destaque à vida e trajetória de Toussaint Louverture. A imagem apresentada de Toussaint Louverture é distinta das representações habituais, retratando-o como um homem caribenho em vez de um europeu ou africano, evidenciando sua identidade americana. O tópico “A Formação do Haiti” enfatiza o papel de Toussaint Louverture na tentativa de reorganizar economicamente a ilha após o fim da escravidão, um aspecto destacado exclusivamente por esta fonte (Figura 6).

O livro também aborda os maus-tratos e a falta de qualidade de vida que motivaram a revolta dos escravizados. A obra de arte de Jean-François Pourvoyeur retrata uma revolta negra durante as lutas por independência, evidenciando o conflito entre negros e brancos através das vestimentas e cores dos personagens (Figura 5).

Uma ferramenta do livro chamada “PARA SABER MAIS” apresenta a trajetória de Toussaint, com uma pintura não comumente associada a ele, retratando-o como um homem comum caribenho, carregando suas origens africanas na América.

O livro destaca que a tomada do poder por Napoleão Bonaparte alterou as políticas na França e em seus territórios, como a lei que aboliu a escravidão. Além disso, enfatiza o papel de Jean-Jacques Dessalines na Proclamação da Independência de Saint-Domingue em 1804, optando pelo nome “Haiti”, que significa “terra montanhosa”. Dessalines foi um dos principais generais de Louverture.

O livro é o único a mencionar que a independência do Haiti só foi reconhecida pela França após 21 anos da proclamação, mediante pagamento de indenização, e cita o movimento chamado haitianismo, que se espalhou pela América.

Finalmente, um aspecto relevante do livro é a discussão sobre o haitianismo, um termo utilizado para assustar senhores e autoridades com a possibilidade de outros levantes bem-sucedidos de escravos em outras partes das Américas. O conteúdo e as imagens deste livro oferecem uma abordagem mais complexa sobre o processo revolucionário que levou à independência de Saint-Domingue, reconhecendo o conflito entre diferentes camadas sociais na ilha.

Agora, vamos analisar esses aspectos individualmente, lembrando que os conteúdos a serem expostos pertencem à habilidade EF08HI04 e focam na Revolução Francesa e nas independências das Américas.

2.7 Telaris

Faremos uma breve análise do capítulo no qual o conteúdo pesquisado está inserido para entender como os idealizadores do livro pensaram a Revolução de Saint-Domingue no contexto histórico. O livro da editora Ática começa seu capítulo com uma imagem comemorativa da Torre Eiffel celebrando a queda da Bastilha, destacando que a tomada de poder pelo povo é um motivo de orgulho para os franceses. O livro apresenta a configuração populacional da França no período estudado, incluindo porcentagens e divisões sociais, para que o aluno compreenda como funcionava o Estado francês no final do século XVIII.

O capítulo utiliza diversas imagens para ilustrar o conteúdo: ilustrações sobre a divisão dos Estados Gerais, gráficos clássicos que explicam a posição política à direita, esquerda e centro, e imagens das mulheres conquistando o direito à fala na Assembleia Constituinte, ressaltando seu protagonismo neste evento histórico.

A sistematização do conteúdo é uma preocupação do livro, que propõe uma atividade para que o aluno reflita sobre pontos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão instituída na Assembleia Constituinte, comparando os direitos conquistados na época com os direitos fundamentais atuais.

O livro também observa a Bastilha por dentro e descreve a tomada desta pela população revoltosa francesa. Discute as questões da monarquia constituinte, incluindo a ascensão da Convenção Nacional da República, a imagem de três líderes jacobinos importantes, e a situação política da França, atacada em várias frentes e vivenciando a fase do Terror sob Robespierre, até o fim deste período e a ascensão dos girondinos com a criação do Diretório.

Em relação à Revolução de Saint-Domingue, o capítulo intitulado “Reflexos da Revolução do Haiti” utiliza o infográfico, uma ferramenta comum em jornais, para apresentar resumidamente os principais aspectos da Ilha do Haiti. O infográfico destaca a situação econômica da ilha, o papel das plantations e a importância da ilha como exportadora de café e açúcar no século XVIII. Inclui também a informação sobre a abolição da escravatura conquistada pelos revolucionários em 1794 na Convenção Nacional.

O livro apresenta uma gravura do século XVIII que retrata o conflito entre negros e brancos, evidenciando que a maior parte dos personagens são negros atacando pessoas brancas (Figura 8). Inclui ainda um pequeno mapa da América Central mostrando a localização da ilha, com a República Dominicana ao sul e o Haiti ao norte. Há uma imagem destacada da configuração urbana da ilha, uma gravura colorizada do século XVIII mostrando a estrutura da cidade e os locais de cultivo (Figura 7).

O livro apresenta duas representações conservadoras de Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines. Toussaint Louverture é representado em uma imagem frequentemente atribuída a ele, apesar de não haver uma representação oficial, enquanto Jean-Jacques Dessalines é mostrado em uma das imagens mais conhecidas, com seu dedo indicador apontando para cima, frequentemente associado à bandeira da jovem nação haitiana. Ambas as figuras são retratadas como generais europeus, possivelmente para serem respeitados ou igualados aos brancos (Figuras 9 e 10). O conteúdo se encerra com um pequeno mapa mental para ajudar os alunos a reter as informações expostas no capítulo.

Figura 7 - Almirante John Benbow imagem de Saint-Domingue



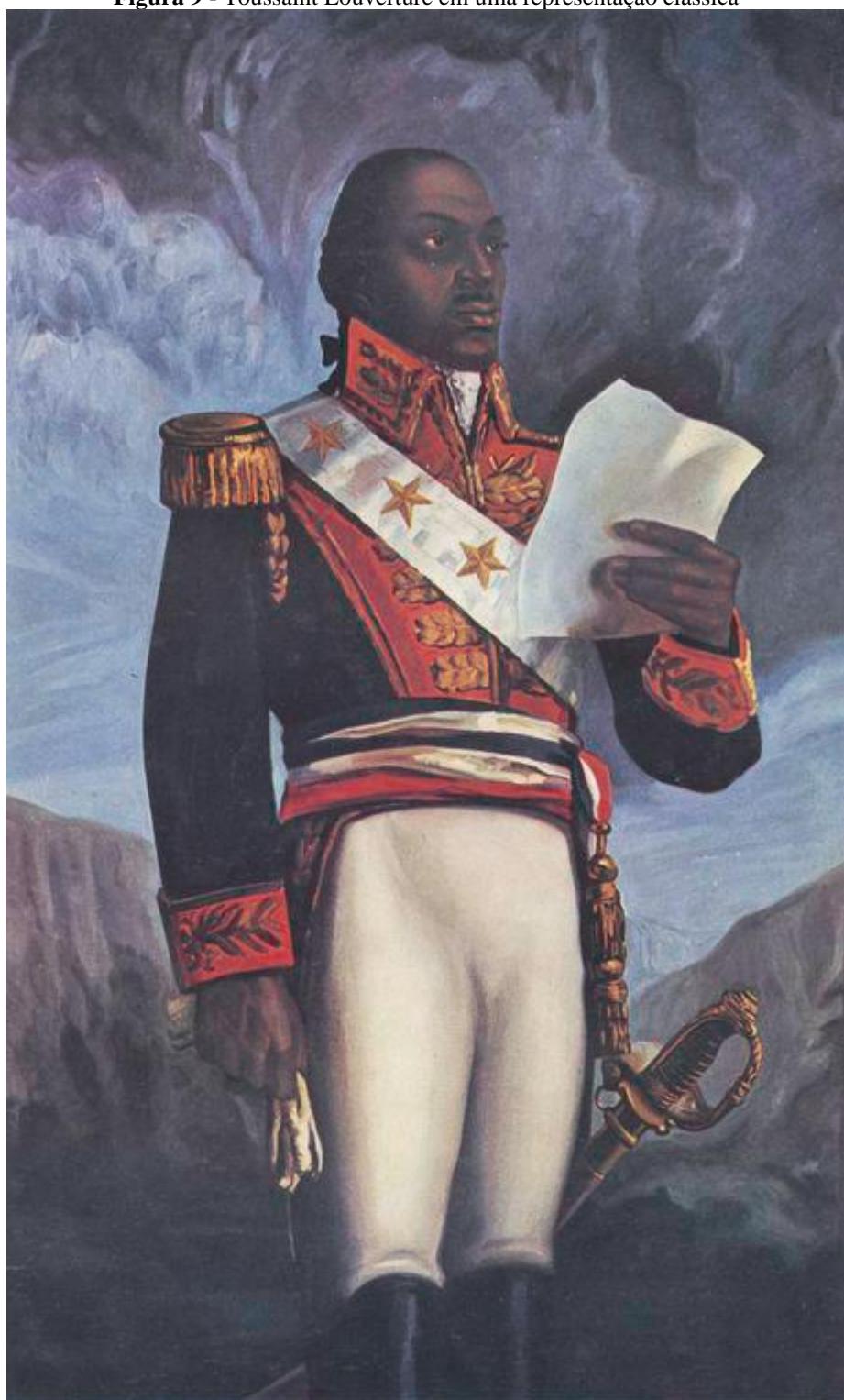
Fonte: Bravebenbow (2010)

Figura 8 - The Haitian Revolution



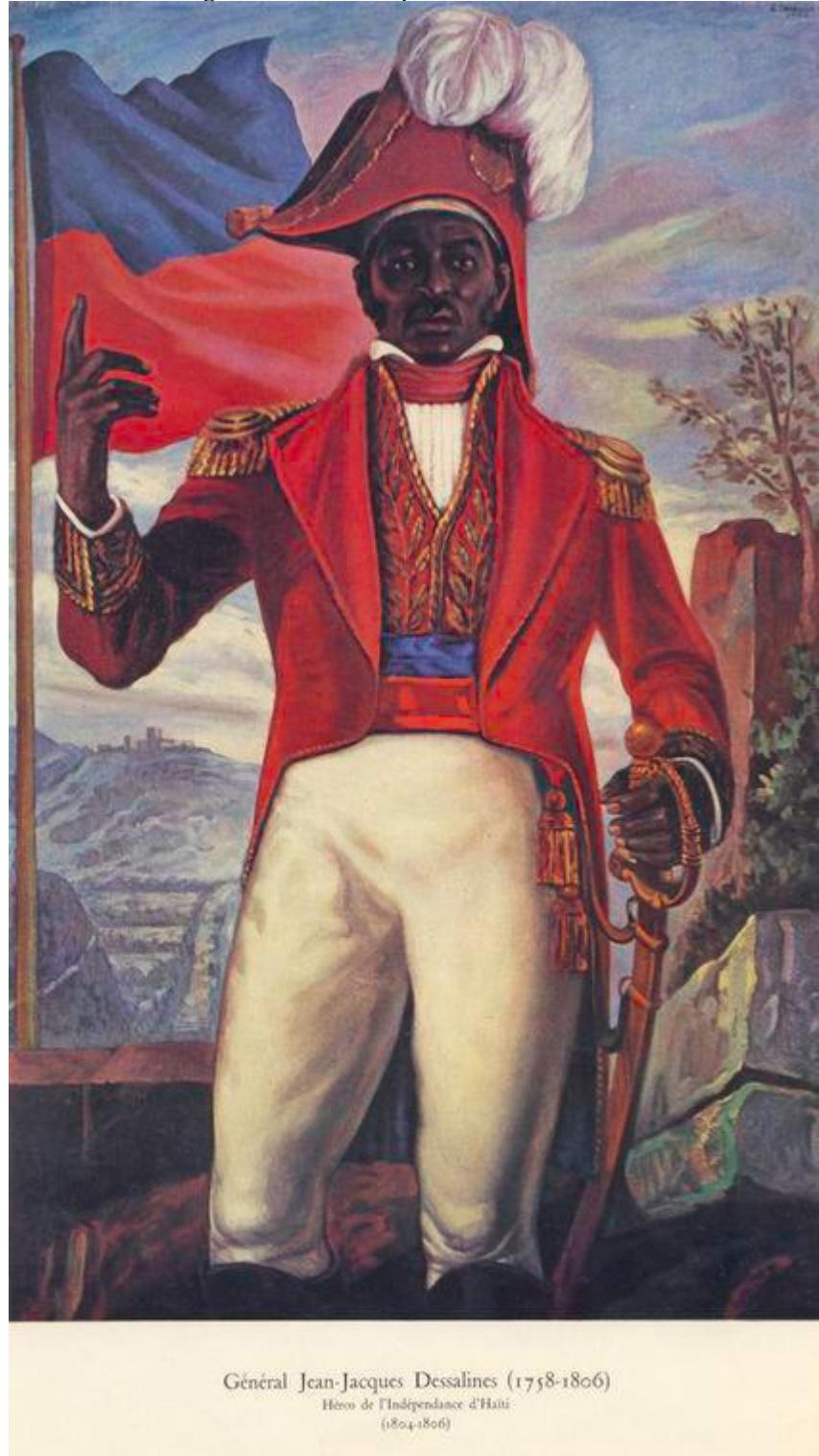
Fonte: Smithsonian (2017)

Figura 9 - Toussaint Louverture em uma representação clássica



Fonte: Schomburg (1957)

Figura 10 - Jean-Jacques Dessalines



Général Jean-Jacques Dessalines (1758-1806)
Héros de l'Indépendance d'Haïti
(1804-1806)

Fonte: Schomburg (1957)

Marc Bloch, em seu livro *Apologia da História*, afirma que o historiador sabe que suas fontes podem “mentir”, mas é dever dele fazê-las falar. Com base nessa perspectiva, não

devemos interpretar os livros didáticos de forma superficial; é necessário “ouvi-los” de maneira mais profunda para acessar o que tentam silenciar.

Michel de Certeau (1982) argumenta que, em toda pesquisa historiográfica, é fundamental observar o lugar social do pesquisador, pois tudo o que é produzido é influenciado por aspectos como posicionamento político, cultural e econômico. Esses fatores moldam nossos interesses e discursos.

Para Certeau, não é possível fazer uma História verdadeiramente objetiva, pois uma História verossímil baseada em fontes seria retornar à análise positivista (CERTEAU, 1982).

Portanto, fontes, fatos históricos e análises estão repletos de intencionalidades. Infelizmente, esta pesquisa ainda está no início, e não foi possível aprofundar a análise sobre o lugar social das editoras e dos autores dos livros analisados.

Em outras palavras, o livro da editora Ática oferece uma abordagem mais direta sobre o conflito e, ao contrário das outras fontes já citadas, apresenta a representação de dois dos líderes revolucionários, Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines, além de um mapa que mostra os locais das plantations e das revoltas.

2.8 Cadernos de Atividade 4: 8º ano Marabá

Assim como em outras partes do país, o município de Marabá, especialmente na área da educação, não estava preparado para a pandemia que se iniciou no Brasil a partir de janeiro de 2020, com os primeiros casos confirmados no país. Como estratégia para mitigar os prejuízos causados ao ensino municipal, tanto urbano quanto rural, foram elaborados cadernos de atividades.

Esses cadernos foram fornecidos a todos os níveis de educação (divididos em Fundamental I, do 1º ao 5º ano; Fundamental II, do 6º ao 9º ano; e EJA) municipal, e continham todas as matérias e conteúdos exigidos. Foram divididos em oito unidades, cada uma com um determinado número de habilidades previstas pela BNCC.

Para nossa pesquisa, utilizaremos o caderno número 4, destinado ao oitavo ano do Ensino Fundamental. Este caderno contém, além do conteúdo de História, os conteúdos de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Matemática, Ciências, Geografia, Estudos Amazônicos e Ensino Religioso.

Podemos observar que este conteúdo dos Cadernos de Atividades foi retirado do site Nova Escola²¹, mas nem todo conteúdo que há no site está nos cadernos. Na época, o

²¹ <https://novaescola.org.br/>

coordenador de ensino do Campo (visto que se trata do lugar de fala desta pesquisadora) era o senhor Jonas Souza Barreira, e o elaborador do caderno de estudos de História e Ensino Religioso era o senhor Aldair José Dias Carneiro.

A capa de cada conteúdo/capítulo traz uma pequena sátira a respeito da disciplina que será abordada. No caso da disciplina História, na página 89, a imagem representa um cenário dentro de uma caverna, onde uma mulher e seu filho, no chamado "período das cavernas", veem o filho riscando as paredes, fazendo referência às pinturas rupestres. A mulher diz: "Já não falei para não riscar as paredes da caverna?!!!"

No capítulo destinado à História do caderno número 4, estão presentes as habilidades da BNCC EF08HI06 a EF08HI11. Observamos que, dentre as habilidades da BNCC apresentadas no site, houve uma predileção do elaborador por determinados conteúdos, como: "A independência da Bolívia e a participação dos povos indígenas," em detrimento de outros conteúdos, como: "A independência da Argentina e os conflitos internos posteriores"; "A guerra do Pacífico: Disputa por fronteiras nacionais (Chile-Bolívia)"; "Projetos políticos em conflito no Brasil pós-independência"; e "A independência do Uruguai: projetos nacionais em disputa." Na habilidade EF08HI07, o material inclui "A independência da América espanhola: estados e territórios em construção" e "O protagonismo negro no processo de independência do Haiti," excluindo temas como: "Independência do México: os grupos envolvidos"; "A independência da Argentina: os grupos envolvidos"; e "O México e as independências americanas: liberdade para todos?"

Na habilidade EF08HI08, mencionada no material formulado pela Prefeitura de Marabá, não são abordados os conteúdos disponíveis no site, que são: "Os padres Morelos e Hidalgo e a Independência do México" e "Os líderes indígenas nas lutas anticoloniais na América." No conteúdo EF08HI09 da BNCC, o elaborador não incluiu nenhum dos temas fornecidos pelo site, como: "Simão Bolívar e o sonho da grande nação hispano-americana"; "Doutrina Monroe: a América para os americanos"; e "O Pan-americanismo hoje: o caso do Mercosul e da ALCA."

Da mesma forma, os conteúdos EF08HI10, EF08HI11 e EF08HI13 não foram contemplados no material destinado à recomposição da educação. Estes conteúdos são: "A independência do Haiti: seus líderes, suas casas e seus efeitos"; "A independência do Haiti e a Revolução Francesa"; "O impacto da independência do Haiti nas demais independências"; "A independência do Haiti e as rebeliões escravas no Brasil"; "O Haiti e a busca por liberdade ontem e hoje"; "Os grupos sociais e étnicos nas independências latino-americanas"; "A

independência de El Salvador: reflexões sobre a liberdade"; "Independência na América Central: o processo nicaraguense"; "A luta pela independência de Cuba, último domínio espanhol"; e "A participação das mulheres na independência da América Latina."

Analizando o conteúdo EF08HI10, que aborda a independência do Haiti com mais profundidade, é um material mais completo sobre o assunto, mas o elaborador optou por não tratar do tema de forma mais detalhada, focando principalmente nos líderes.

Após essa breve comparação entre os conteúdos disponíveis no site da Nova Escola e o material escolhido para compor o Caderno de Atividades 4 destinado ao 8º ano, voltamos à análise deste conteúdo. O capítulo começa, na página 90, com uma discussão sobre a importância do presidente Evo Morales e sua ascensão à presidência, sendo o primeiro indígena na Bolívia. Na página 91, aborda os conflitos entre israelenses e palestinos, discutindo questões de território, soberania e nação. Na página 93, o conteúdo sobre a independência da América espanhola explora a divisão de territórios e os idealizadores, destacando as ideias de Simón Bolívar e José Martí. A análise das grandes lideranças do movimento de independência do Haiti segue logo após.

Figura 11 - Posse presidencial de Ivo Morales na Bolívia



Fonte: Carneiro (2021, p. 90)

Figura 12 - Mapa das colônias espanholas na América



CRÉDITO/FONTE: ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL/FERMADO JOSÉ FERREIRA

Fonte: Carneiro (2021, p.94)

Atentemos para a página 94, onde um texto complementar sobrepõe uma imagem que se supõe ser de Toussaint Louverture. Não podemos afirmar com certeza se essa sobreposição foi intencional ou se resultou de um erro de formatação. O texto discute a importância econômica da ilha de Saint-Domingue para sua metrópole francesa, destacando a necessidade de mão de obra escravizada. Além disso, fornece informações sobre dois dos principais líderes da abolição da escravidão e da independência haitiana: Jean-Jacques Dessalines e Toussaint Louverture.

Figura 13 - Jean-Jacques Dessalines



Général Jean-Jacques Dessalines (1758-1806)
Héros de l'Indépendance d'Haïti
(1804-1806)

Fonte: Schomburg (1957)

Figura 14 - Toussaint Louverture



Fonte: Carneiro (2021, p. 94)

Na página 96, há uma discussão sobre escravidão e resistência, apresentando imagens que ilustram as formas de resistência africana à colonização, como a manutenção de suas práticas religiosas, guerras, lutas e danças. As páginas 97 e 98 contêm dois textos que relatam a experiência de negros em condições de escravidão, destacando seus esforços para reivindicar seus direitos e igualdade.

Figura 15 - Imagem ilustrativa de material didático



**Onde houve escravidão,
houve resistência.**



Fonte: Carneiro (2021, p. 96)

E por fim, na página 99, há três poemas para o aluno ler e interpretar a respeito da situação das comunidades indígenas no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aborda a representação de Toussaint Louverture e da Revolução de Saint-Domingue nos livros didáticos, analisando como cada editora apresentou esse conteúdo em seus materiais. Apresentamos um breve histórico da Revolução e sua complexidade, destacando as relações econômicas e sociais que envolvem a única Revolução bem-sucedida liderada por escravizados que resultou na independência do Haiti.

Exploramos as formas de resistência e organização dos escravizados, como suas experiências influenciaram o momento revolucionário, o papel das mulheres na sociedade e o apagamento de suas contribuições na Revolução. A figura emblemática de Toussaint Louverture e o papel de Jean-Jacques Dessalines, um ex-escravo que se tornou um dos principais generais de Louverture, também foram discutidos.

Além disso, abordamos o papel da escola na formação do aluno, destacando como o conteúdo escolar é moldado pelas elites no poder e como a disciplina História pode contribuir para um ensino mais inclusivo e transformador.

Analisamos quatro fontes didáticas para entender como cada livro aborda a Revolução de Saint-Domingue. Observamos que cada fonte enfoca diferentes aspectos da Revolução: o livro Araribá dá mais ênfase às conquistas e menos aos conflitos; o livro História, Sociedade e Cidadania foca mais no conflito e apresenta uma imagem diferenciada de Toussaint Louverture; o livro Teláris utiliza infográficos e apresenta imagens sobre a urbanização e o conflito em Saint-Domingue; e o material didático final destaca a resistência das populações negras escravizadas e a representação de Dessalines.

Apesar dos avanços, alguns pontos ainda não foram analisados de forma satisfatória e podem ser explorados em pesquisas futuras. A pesquisa alcançou seus objetivos, mas não esgotou todas as possíveis análises. Observamos que cada editora abordou o conteúdo de forma a dialogar com o restante do material, embora sempre faltem aspectos. É papel do professor complementar essas lacunas e estimular a reflexão crítica nos alunos.

O trabalho visa fomentar a consciência histórica dos alunos, permitindo que se enxerguem nos personagens históricos e compreendam que minorias são mais do que vítimas passivas; são heróis e agentes de transformação. Debater questões de pertencimento,

apagamento e silenciamento na História ajuda a combater preconceitos e a promover uma sociedade mais inclusiva.

CAPÍTULO 3: Produto Didático

A partir das análises e discussões realizadas nesta pesquisa, e considerando as revisões bibliográficas e as discussões teórico-metodológicas, propomos, para profissionais da educação (não apenas historiadores), um material didático focado em discutir as representações das Independências das Américas em sala de aula.

O objetivo deste material é fornecer propostas de aulas que possibilitem debates sobre personagens históricos frequentemente "apagados" ou "esquecidos" nos livros didáticos. As propostas didáticas visam abordar temas relacionados às populações consideradas "minorias", explorando como essas populações estão representadas (ou não) na História e nos meios de comunicação de massa, com o intuito de desafiar e romper estereótipos estabelecidos. O material será intitulado "Negros para além da escravidão".

A ideia para este material surgiu da experiência em sala de aula e do desconforto observado ao perceber que as habilidades e livros didáticos frequentemente não destacam figuras importantes na História, como pessoas negras (além de vítimas da escravidão), mulheres e regiões revolucionárias como a Amazônia.

O material incluirá fontes e questões a serem discutidas em sala de aula, mas não sugerirá métodos de avaliação, permitindo que cada professor adapte conforme sua prática. A proposta é incorporar aspectos do trabalho do historiador na sala de aula, proporcionando aos alunos a oportunidade de questionar e refletir sobre o que é ensinado, seu contexto e importância histórica.

As imagens e trechos de textos usados nas propostas didáticas virão das fontes citadas nos capítulos iniciais desta dissertação, reforçando a relevância e aplicabilidade do material proposto.

Proposta didática: Trazer destaque aos líderes revolucionários e debater locais de resistência e apagamentos.

Como já foi exposto, estas propostas surgiram a partir de um incômodo que se encontra geralmente dentro da sala de aula: a falta de narrativas onde grupos minoritários sejam colocados no centro, e não apenas à margem, sofrendo as ações de outros atores. Neste caso,

traremos a Revolução do Haiti para o centro da discussão sobre as independências das Américas.

Quando nos deparamos com o conteúdo, neste caso do 8º ano do ensino fundamental, encontramos um extenso material didático que aborda as revoluções ocorridas no continente europeu. No entanto, ao adentrarmos na parte que trata das emancipações americanas, a que mais ganha destaque é a independência dos Estados Unidos. Esta geralmente é retratada como uma revolução elitista, na qual as elites da colônia, a princípio relutantes em se separar de sua metrópole, acabaram lutando pela independência devido à situação financeira e à intransigência da metrópole em negociar com a colônia.

Contudo, quando estudamos outros processos de independência, como a Revolução do Haiti, os relatos e as representações desses eventos frequentemente são secundários ou influenciados pela independência americana

Proposta didática

Revolução do Haiti: Esquecidos ou apagados.

Ano: 8º Ano

Unidade temática: os processos de independência nas américas

Objetivo de conhecimento: Revolução e independência do Haiti

Habilidade da BNCC: (EF08HI08) Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações.

Matérias a serão utilizados: Datashow (se houver a necessidade), impressões e canetas.

Materiais para auxiliar na compreensão: GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na História do Haiti:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/yFzffjNFq7jpmwwxDhJLyGM/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 17/04/2024

Textos para problematização:

Toussaint Louverture

“Toussaint Louverture (grifo meu - antes conhecido como Toussaint Bréda) também pertenceu a essa pequena casta privilegiada. Seu pai, filho de um pequeno chefe na África, depois de aprisionado na guerra, foi vendido como escravo e fez a viagem em um navio negreiro. Foi comprado por um colonialista com uma certa sensibilidade que reconhecendo que seu negro era uma pessoa fora do comum, permitiu-lhe gozar de um pouco de liberdade na fazenda e deu-lhe cinco escravos para cultivar uma horta. Tornou-se católico, casando-se com uma mulher que além de bonita, também era boa pessoa, e Toussaint seria o mais velho entre os oito filhos

do casal. Perto da casa-grande, vivia um velho negro chamado Pierre Baptiste, notável pela sua integridade de caráter dotado de algum conhecimento. Os negros falavam um baixo francês conhecido por créole. Mas Pierre sabia francês, um pouco de latim e um pouco de geometria, que tinha aprendido com um missionário. Pierre Baptiste tornou-se padrinho de Toussaint e ensinou ao afilhado os rudimentos do francês. Utilizando-se dos serviços da Igreja católica, instruiu-o nos rudimentos do latim. Toussaint aprendeu também a desenhar. O jovem escravo cuidava dos rebanhos e das manadas, e essa foi a sua primeira ocupação. Seu pai. Porém, como muitos outros africanos, tinha um certo conhecimento sobre plantas medicinais e ensinou a Toussaint o que sabia. Os elementos de uma educação, seu conhecimento sobre ervas e sua inteligência fora do comum fizeram com que se destacasse e se tornasse cocheiro de seu senhor. Isso proporcionou-lhe meios adicionais de conforto e para poder educar-se a si mesmo. Por fim, foi designado administrador de todos os bens vivos da fazenda, o que era um cargo de responsabilidade, normalmente ocupado por um branco. Se a genialidade de Toussaint veio de onde vêm os gênios, por outro lado várias circunstâncias contribuíram para que ele tivesse pais excepcionais, amigos e um senhor gentil. ” (JAMES. C.L.R. Jacobinos Negros. 2010, p. 33)

Dessalines

“Jean-Jacques Dessalines, considerado um dos mais violentos generais da Revolução de Saint-Domingue. Foi ele quem proclamou a independência do Haiti em 1804, se autoproclamou Jacques I, Imperador do Haiti. Este, também, foi o responsável por organizar o trabalho livre e da “militarização do poder social e política” na ínsula. Com a notícia da prisão de Toussaint e o restabelecimento da escravidão por Napoleão, Dessalines aparece como grande comandante da insurreição contra o domínio colonial. Em 1804, após derrotar franceses, espanhóis e ingleses, Dessalines proclama a independência do Haiti, e em sua constituição outorgada em 1805, previa a abolição, para sempre, da escravidão, e todos os que estivessem em seu território estariam livres. Dessalines foi morto em uma emboscada tramada por Christopher, Rigaud, Pétion, Boyer e Bruno Blanchet (todos estes viriam a ser governantes do Haiti). O este grande líder, foram escritos canções e poemas e ainda o Hino nacional haitiano foi feito em sua homenagem *La Dessalines*. (MOREL, Marcos. A Revolução do Haiti e o Brasil escravista. 2017 pag. 67).

2-Mulheres na Revolução

“(...)Na província do Sul, os escravos africanos traziam seus "companheiros ao cemitério" em

grande em grandes multidões, batendo palmas, cantando e tocando tambores, e as mulheres lideravam a procissão. Outro observador, visitou a província no final da década de 1790, observou que os Congos usavam plumagens nas cabeças e que muitos haviam mimado e afinado os dentes." (DUBOIS, 2022, p. 59)

"As mulheres escravizadas eram vítimas da exploração sexual e agressão por parte dos senhores, administradores e feitores. Embora algumas resistissem, elas tinham pouco poder para recusar os homens predadores que possuíam legalmente seus corpos. Às vezes, havia relacionamento de longo prazo entre mulheres escravizadas e senhores ou administradores. As escravas envolvidas em tais relacionamentos eram recompensadas com roupas e comidas melhores e, às vezes, ganhavam a liberdade para si e para seus filhos com ao procurar entender esses relacionamentos, é difícil -talvez impossível -distinguir a emoção do interesse, o sexo e o sentimento do poder e de coerção. A pequena compensação que temos sobre isso, assim como em relação à vida escrava, vendo os escritos espaços e distorcidos dos brancos." (DUBOIS, 2022, p. 63)

"(...)As mulheres lutaram ao lado dos homens. Uma batalha no Sul, elas foram responsáveis pelo primeiro movimento de ataque, carregando feixes de arbustos para ajudar as tropas escondidas por trás delas a cruzarem as trincheiras ao redor de uma fortificação, e foram massacradas pelos tiros de mosquete francês. (DUBOIS, Laurent. Os vingadores da américa. 2022, p. 357)

Orientações: Esta terá o caráter expositivo, com duração de 100 minutos. O professor já deverá ter percorrido outros conteúdos com os alunos, como: revolução industrial, revolução francesa e a ascensão de Napoleão Bonaparte para que o aluno entenda contexto no qual o processo de independência Do Haiti seja compreendido.

Tempo sugerido: 10 minutos.

No primeiro momento da aula, os textos em destaque deverão ser impressos e entregues a todos para que possam lê-los antes das deliberações.

- Após a leitura do texto, deve-se perguntar aos alunos se eles sabem algo sobre a História de Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines. Foram dois líderes de uma das maiores revoluções realizadas por escravizados, que culminou na independência da colônia francesa

Saint-Domingue, hoje conhecida como Haiti, e na abolição da escravatura nos territórios sob domínio francês.

- Como eles são descritos nos textos? A descrição deve mencionar que foram grandes comandantes da Revolução do Haiti. Deixe espaço para as diversas respostas dos alunos.
- Qual a importância deles na Revolução Haitiana? (Foram comandantes negros que haviam sido escravizados e, depois, assumiram importantes posições de liderança no movimento pelo fim da escravidão e na independência do Haiti.)
- No texto sobre as mulheres, o que eles encontraram de diferente em relação aos outros dois primeiros textos? (O fato de não haver menção dos nomes das mulheres, que, assim como os homens, foram importantes na luta pela libertação dos escravizados e na independência do Haiti.)
- Como elas foram retratadas nos excertos? (A violência com a qual foram tratadas deve ser destacada.)

A partir deste momento, abordaremos a discussão sobre o apagamento de alguns fatos históricos, assim como personagens que, devido ao seu gênero e cor, sofreram esse processo. Pessoas negras e mulheres só recentemente passaram a ter o direito de pertencer e contar sua própria História.

No caso da Revolução do Haiti, que carregou a imagem de um grande massacre de pessoas brancas, isso foi uma manobra para desumanizar os revolucionários e demonizar qualquer apoio à causa da abolição. Também pode-se estudar a questão das transformações ao longo do tempo histórico, observando permanências e mudanças na sociedade em relação a esses dois grupos.

Na segunda parte da aula, traremos para os alunos duas representações de um mesmo personagem: Toussaint Louverture. Neste momento, deve-se projetar ou imprimir as imagens que serão analisadas. Trata-se de duas representações (deixando claro que não existe uma representação considerada totalmente fidedigna) de Toussaint Louverture, cujas imagens se espalharam pelo mundo e tiveram papel importante, inclusive no Brasil.

- Pergunte aos alunos o que podem observar de diferenças e semelhanças entre as duas imagens. Espera-se que os alunos observem as legendas e deduzam que se trata da mesma pessoa. A primeira imagem representa um homem mais simples, e a segunda, uma figura imponente.
- Qual seria o objetivo dessas imagens? Pode haver divergências nos comentários dos alunos. No entanto, é necessário guiá-los para o entendimento de que as imagens analisadas possuem objetivos específicos. A primeira imagem mostra um homem em um cavalo branco e imponente, seguindo a tradição dos contos de fadas, como um príncipe. Pergunte aos alunos: "Mas poderia um príncipe ser negro?" Essa pergunta pode gerar polêmicas nas respostas. Alguns podem dizer que sim, outros que não.
- Outras hipóteses devem ser levantadas. As representações de Toussaint Louverture, assim como as de Napoleão Bonaparte, podem ter sido utilizadas para amedrontar os inimigos ou para causar orgulho, confiança e devoção entre o povo.
- A primeira representação é a de um homem comum caribenho. A hipótese a ser discutida em sala é de que esta imagem pode estar retirando a identidade africana do líder revolucionário e transformando-o em um homem das Américas, a fim de criar um protagonismo e uma nova identidade.
- Trazendo para nosso contexto, é importante debater o papel da aparência dentro da sociedade, onde se tornou comum registrar o cotidiano e valorizar a imagem.

A Figura 1, que é uma representação de Toussaint da segunda metade do século XIX e pode ser encontrada fisicamente no site da Biblioteca do Congresso Americano²², foi publicada por George de Baptiste, um afro-americano que teve um papel importante no Underground Railroad em Detroit e Madison²³. Ele trabalhou como condutor de uma ferrovia subterrânea em Ohio, na zona fronteiriça do rio Norte em Kentucky, auxiliando escravizados a fugirem e se esconderem pelo subterrâneo para o estado de Indiana, que era livre.

A figura 2, que pode ser encontrada no site *The Metropolitan Museum of Art's*, é uma impressão colorizada datada de 1802 onde podemos observar que Toussaint é representado de forma imponente.

²² A imagem pode ser encontrada na biblioteca do congresso americano ou pelo site <https://www.loc.gov/resource/pga.05834/>

²³ O contexto dos Underground Railroad revistacontinente.com.br/secoes/resenha/a-historia-necessaria-de-rthe-undergroundrailroad#:~:text=“Underground%20Railroad”%20é%20o%20nome,dignidade%20aqueles%20que%20conseguem%20escapar.

Figura 1 - Toussaint Louverture, chromolithograph, published by George de Baptiste, c. 1870.



Fonte: Debaptiste (1870)

Figura 2 - A portrait of Toussaint Louverture on horseback²⁴



Fonte: Carneiro (2021, p. 94)

²⁴ <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/852915>

Produto Didático 2: Religiosidade e Revolução

Revolução do Haiti: Esquecidos ou apagados.

Ano: 8º Ano

Unidade temática: os processos de independência nas américas

Objetivo de conhecimento: Revolução e independência do Haiti

Habilidade da BNCC: (EF08HI08) Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações.

Matérias a serão utilizados: Datashow (se houver a necessidade), impressões e canetas.

Materiais para auxiliar na compreensão:

Figura 3 - Dança dos nativos de São Domingo. Sec. XVIII. Gravura ²⁵



Fonte: Fernandes (2018, p.85)

“O Deus que criou o sol que nos dá a luz, que levanta as ondas e governa as tempestades, embora escondido nas nuvens observa-nos. Ele vê tudo o que o branco vê. O Deus do branco o inspira o crime, mas o nosso Deus nos pede para realizarmos boas obras. O nosso Deus, que é bom para conosco, que nos vinguemos das afrontas sofridas por nós. Ele dirigirá nosso braço e nos ajudará. Deitai fora o símbolo do Deus dos brancos que tantas vezes nos fez chorar, e escutar a voz da Liberdade, e fala para os corações de todos nós. (JAMES, 2010, p. 93)

²⁵ Imagem retirada do livro didático Araribá Mais História. 2018, p. 85.

As religiões africanas também ficaram raízes no solo das plantations, transformando-se no processo. Elas dialogaram com práticas do catolicismo, cujos Santos foram incluídos de um novo significado pelos adoradores da África e das Américas. Em Saint-Domingue, os escravos arados do golfo do Benim, que eram a maioria durante as primeiras décadas do século XVIII, trouxeram as tradições dos povos Fon e Yorubá, que se juntaram as trazidas pelos escravos Congos, que finalmente se tornaram a maioria da ilha. No mundo organizado para a produção de *commodities* de plantations, onde os escravos deveriam ser trabalhadores e nada mais, as cerimônias religiosas proporcionavam um consolo ritual, uma oportunidade para dança e a música, porém o mais importante era a extensão da comunidade para além da plantation. (...) (DUBOIS. 2022, p. 60)

Trabalharemos com a análise de texto e imagem.

Tempo sugerido: 10 minutos.

Os alunos farão a leitura e análise da imagem.

- A análise da imagem pode nos levar a um lugar controverso com relação à escravidão. A princípio, pode-se ter a ideia de que as condições de vida dos escravizados não seriam tão cruéis. Isso porque trata-se de uma imagem que remete a uma celebração. Talvez seja uma celebração religiosa, e é nesse ponto que vamos nos ater. Em toda a América, há relatos de como os escravizados se reuniam para suas celebrações religiosas que haviam trazido do continente africano.
- No contexto da Revolução de Saint-Domingue, as celebrações foram pontos cruciais para a articulação, organização e convencimento dos escravos a adentrarem na revolução.
- O primeiro texto traz uma “oração” feita por um dos primeiros líderes revolucionários, que também era um líder religioso, para seus seguidores. Nesse texto, ele questiona o “deus dos brancos” que “inspira o crime”. É preciso levar os alunos a debater os motivos que levaram os escravizados a supor que existiam dois “Deuses”.
- No segundo excerto, temos o relato da importância do sincretismo entre a religiosidade africana e a religião católica para que ambas pudessem coexistir naquele contexto. As cerimônias eram também um local seguro para a sua cultura e na formação de laços para além das plantations. Ou seja, tornavam-se locais de resistência.

Trazendo para o nosso contexto atual: deve-se perguntar se no Brasil há também uma

herança da religiosidade africana. Presume-se que os alunos responderão que sim. A partir disso, pergunte quais são as denominações dessas religiões. Nesse momento, o professor deve estar atento a denominações de caráter pejorativo; caso haja esse tipo de denominação, os alunos devem ser corrigidos e orientados a respeito da intolerância religiosa.

O docente deve estimular que os alunos compreendam que a mistura de religiões foi uma forma de resistência e sobrevivência da cultura africana, e que isso ocorreu em todo o continente americano.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: _____. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 8º ano: ensino fundamental: anos finais**, 4ª. ed., São Paulo: FTD, 2018
- BOURDIEU. Pierre. **Escritos de educação**. Org. NOGUEIRA, maria Alice; CATANI, Afrânio 9 ed. ed. Vozes. Petropolis. RJ, 2007.
- BRAVEBENBOW. **Admiral John Benbow's last fight**. 2010. Disponível em: <https://bravebenbow.com/?page_id=464> Acesso em: 13 de março de 2023.
- BRUNIAS, Augustino. Gravura, Uma Dança Negra na Ilha da Domínica [S.a].
- CARNEIRO, Aldair José Dias. História. In: **4º Caderno de estudos em rede ensino fundamental - 8º ano**, Prefeitura de Marabá. 2021.
- CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-108.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.
- Debaptiste, George. **Toussaint L'Ouverture / Corrie's Detroit Chromo Lith. office. Haiti, ca. 1870**. Detroit, Mich.: Publicado por Geo. De Baptiste. Photograph. <https://www.loc.gov/item/2014645197/>.
- DUBOIS, Laurent. **Os vingadores do novo mundo: a História da Revolução Haitiana**. 1. ed. Niterói: Eduff, 2022.
- FERNANDES, Ana Claudia. **Araribá Mais História**. São Paulo: Editora Moderna, 2018. p. 308.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 223-246.
- HISTÓRIA VIVA. **Haiti – Revolução Negra**. Disponível em: <<https://historianovest.blogspot.com/2009/02/haiti-revolucao-negra.html>> Acesso em: 13 de março de 2023.
- HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. Editora Paz e Terra, 1962.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Los jacobinos negros. Toussaint L’Ouverture y la Revolución de Haití**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

ANONYMOUS, Francês século XIX. **Toussaint Louverture on Horseback**. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/852915>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito**. Paco Editorial, 2017.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, 1992.

OLIVEIRA, Carmem Irene C. **Imagem e educação**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2006.

ROSENBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 125-146, 2003

SAMPAIO, Maria Clara S. Carneiro. **Algumas reflexões sobre a história do Haiti e suas durações**. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/2093070/Algumas_Reflex%C3%B5es_sobre_a_Hist%C3%B3ria_do_Haiti_e_Suas_Dura%C3%A7%C3%B5es. Acesso em: 12 de abril de 2018.

SCHOMBURG, Center for Research in Black Culture. **Général Toussaint Louverture (1743 - 1803)" The New York Public Library Digital Collections**. 1957. <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47dc-8fdb-a3d9-e040-e00a18064a99>

SILVA, Renán. O passado é um país estranho. In: _____. **Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-46.

SMITHSONIAN, National Museum of African American History and Culture. **The Haitian Revolution**. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NMAAHC/posts/the-haitian-revolution-shook-the-institution-of-slavery-throughout-the-new-world/10154663700011990/>> Acesso em: 13 de março de 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEMÁTICA – HISTÓRIA. **Os processos de independência nas Américas: A revolução haitiana**. Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/pnld/2020/obra/historia.doc-8-ano-saraiva/>> p. 70. Acesso em: 10 de Abril de 2021.

VICENTINO, Claudio; VICENTINO, José Bruno. **Teláris História: Ensino Fundamental – anos finais (Manual do Professor)**. São Paulo: Editora Ática, 2018. p. 292.